ANNO XXVI — N.º 34
Rio, 20 de Agosto de 1932
PREÇO: 1$000

Noite Adoravel

NOITE de alegria, de musica, de amor... Instantes divinos e inesqueciveis que um malestar fisico repentino — dôr de cabeça, de dentes, nevralgia, etc., pode perturbar.

Pelo sim, pelo não, devemos ter sempre comnosco a insubstituivel

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem afetar o organismo. » »

E tambem ideal contra enxaqueca, incomodos femininos, dôres de ouvidos, reumatismo, resfriados, etc. » » »

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

O amor que regenerou...

De J. M. Brinckmann

ROSA Maria abriu vagarosamente o livro que os seus olhos não se cansavam de lêr e uma serpentina de luz, que se filtrára pela cortina da janella, veiu illuminar a pagina mais emocionante do romance que era a propria historia de sua vida...

Como se sentiu feliz ao escrever aquellas linhas, como se julgava, agora, desgraçada em têl-as escripto !...

Três annos amára com toda a ingenuidade deste sentimento. Menina de quinze annos, na incerteza da vida que lhe aguardava, fizéra desse amor o seu destino. Depois, quando maior confiança tinha no affecto daquelle a quem amava, eis que, um dia, uma carta triste, algumas linhas apenas, e o seu amor se acabava para sempre.

Desde então, a indifferença que trazia comsigo era a mesma que os seus olhos punham em tudo... A vida com os seus desenganos a fizéra descrente. Sentia-se sózinha, isolada, sem uma esperança, uma illusão. Nada a enthusiasmava: a monotonia das cousas a desesperava.

E, quando, no silencio do seu quarto, recordava um pouco desse amor, seus olhos se enchiam de lagrimas, e a moça, que aos outros parecia tão venturosa, julga-se a mais infeliz das mulheres.

Aquella dôr a humilhava e Rosa Maria tudo fazia para não deixál-a transparecer. Não, nunca; ninguem haveria de saber do seu grande soffrimento. Chegára á convicção de que, parecendo feliz aos outros, diminuia as proprias amarguras.

E sorria, sorria muito para a sua propria tristeza, cantava canções alegres para esconder todo o seu desespero, procurando occultar a dôr das lagrimas na expressão de um riso forçado !...

Rosa Maria soffria, e esse soffrimento augmentava mais o odio por tudo que a cercava. A figura daquelle homem andava-lhe na imaginição, não como nos tempos em que era todo o seu devotamento, mas como o veneno que lhe encurtava os dias. Odiava-o, agora; tinha-lhe verdadeiro horror. E chorava com raiva de si propria quando lia alguma pagina do diario que encerrava a historia do seu amor.

Ali, dentro daquelle livro amarellecido pelo tempo, naquellas phrases que a emoção a fizera escrever, jazia morta toda a significação da sua existencia, — a esperança maior que a animava !

E, naquella mesma tarde, fazendo pedaços as folhas do seu proprio romance, com a cabeça afundada nos travesseiros, chorando convulsamente, jurou abandonar a existencia que levava, fugindo para a vida facil dos amores vendidos. .

* * *

E foi sozinha. Deixou-se levar pela mão de um estudante rico que lhe atravessou o caminho e lhe fez a proposta mais insolente. A principio teve mêdo, quiz fugir. Depois foi se acostumando.

Conheceu um jornalista. Fez-se amante de um advogado que lhe deu de tudo. Exigiu-lhe um apartamento elegante e elle lhe deu um "bungalow" na Urca. Fez todas as estações do anno, como mandavam os manequins parisienses. Teve sêdas e joias. Ganhou um galgo e andava com elle pela praia, todas as tardes.

Depois, o advogado começou a ter ciumes e ella o deixou porque já estava enfastiada delle.

Foi para os braços de outros e os abandonou um a um. Assim fazia com todos. Havia de se vingar dos homens. Ella jurára a si mesma.

E deixou-se ficar nessa vida porque foi nella que encontrou momentos de alegria e o esquecimento para o amor que a perverteu. Dormia com os labios humidos de vinho para que fossem mais curtas as horas em que teria de viver na realidade dos olhos abertos.

Havia de se vingar da vida... Oh ! Os homens haviam de sentir a dôr que ella sentira...

(Continúa na pag. seguinte)

O LYRIO VERMELHO

DE MAX NEILL

QUANDO o capitão de marinha mercante russo Peter Pobedonosizew entrou em sua cabine, encontrou sobre a mesa um pedaço desse papel de sêda tão usado pelos chinezes. Mas os caracteres escriptos eram inglezes e, de um lado, o papel tinha uma marca dourada que representava um lyrio. Depois que o leu, o capitão empallideceu ligeiramente, mas depressa um sorriso irónico lhe entreabriu os labios.

Peter Pobedonosizew era, como se costuma dizer, um bom rapaz, de cerca de trinta annos, robusto. A longa barba loira dava-lhe aspecto de verdadeiro lôbo do mar.

— Por São Nicoláu, nosso protector! — exclamou, depois de ter lido o papel mysterioso. — Quem é o temerario que se atreve a ameaçar-me?

Aproximou-se do botão da campainha electrica e o apertou varias vezes.

O AMOR QUE REGENEROU...

(Continuação)

Havia de envolvêl-os nas tramas de suas caricias, enganal-os com um affecto até vêl-os soffrer e chorar.

E abria-lhes os braços, prendia-os com o encanto dos seus olhos, promettia-lhes um amor interminavel, para rir-se depois. Rir-se para a dôr dos outros como, talvez, tivessem rido para a sua dôr...

* * *

Fôra por acaso. Rosa Maria conhecêra aquelle joven de olhos azues num chá de beneficio. Apresentaram-lho como addido de embaixada. Na noite daquelle mesmo dia jantaram e passeiaram juntos. Dessa tarde em deante, raro o dia em que não se viam. Seria mais um que arrastaria á desgraça...

De inicio, para não assustal-o, não fez exigencias. Com geito ia obtendo o que queria, sustentando o seu luxo e os seus prazeeres. Depois, como já fosse grande a confiança entre elles, passaram a morar sob o mesmo tecto.

Fôra Rosa Maria quem lhe fizéra tal proposta. Era preciso têl-o bem junto de si para poder obter tudo delle. Duraria pouco tempo...

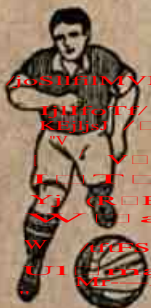
Mas, não notou que os mezes se passavam, que alguma cousa forte os unia e augmentava cada vez mais. A intimidade tornava-se maior sem que ella o sentisse.

E, em conversa, uma noite, Charles Albert contou-lhe a sua vida. Falou-lhe da sua meninice no Ruão, ás margens do Sena. Dos seus paes queridos que viviam longe e do amor que não durára mais que uma primavera. Historia breve, como todas essas historias.

Rosa Maria ouviu-o com os olhos humidos.

Guardou-lhe as palavras como si guardasse o seu proprio consolo. Teve pena delle. Sentiu que aquelle homem não merecia ser mais desgraçado que os outros. A sua historia a impressionára; fôra mais longe: enternecêra-a. Fêl-a comprehender que não era ella só quem soffria. Ali ao seu lado, um homem a quem queria fazer infeliz tambem tivéra a sua affeição, que se acabara ao começar apenas.

Ouviu-o, calada, abafando as lagrimas, quando elle falou pela primeira vez.

Depois, pedia sempre que lhe repetisse a mesma historia.

Depois de esperar uns segundos, entrou um verdadeiro collosso.

— Ah!... E's tú, Tching? Fecha a porta: tenho que falar comtigo seriamente.

O recem-chegado era um filho do então Celeste Imperio. Vestia um longo e commodo *kao-tzia*, ou casaca de sêda amarella floreada, uma especie de *angankark* azul, a côr preferida dos chinezes, e calças brancas. Calçava amplas *hats*, babuchas com grossa sola de feltro, e cobria a cabeça com um chapéo cónico de fibras de *rotang*.

— Escuta, meu amigo — disse o capitão, pondo-lhe a mão no hombro: — já sabes que estou noivo da senhorita Netty Gurney, essa norte-americana...

— Sim, já o sei, capitão — respondeu Tching.

— Tambem sabes que amanhã se celebrará o casamento.

— Sim.

— O que não sabes é que ha quem me prohiba de casar-me!

— Por Fo!... E quem é que se atreve a tal coisa, patrão?... Vê-se bem que não conhece a força de Tching.

O capitão permaneceu um momento silencioso, e depois perguntou:

— E's-me sempre fiel, Tching?

— Pódes dispôr da vida de teu humilde servo, patrão.

— Obrigado, Tching. Ao entrar aqui, ha pouco, encontrei este papel sobre a mesa.

— E que diz elle? — perguntou, impaciente, o criado.

E o capitão leu, em voz alta:

"A Peter Pobedonostzew. — A seita do Lyrio Vermelho vos intima a não casar-vos amanhã com miss Netty Gurney. De outro modo se verá obrigada a matar-vos ou a raptar miss Netty. Parti e não mais volteis a Macáu, si nalguma coisa estimaes a vida. — O Lyrio Vermelho".

— Ouviste, Tching?

(Continúa na pag. seguinte)

O AMOR QUE REGENEROU...

(CONCLUSÃO)

E, uma noite, com a cabeça presa nos braços delle, enlevada, contou-lhe o seu romance tambem.

Ella que jurára nunca deixar que soubessem de sua dôr, vingar-se da vida e dos homens! Como se deixára levar a tanto!

Seria que já não tinha forças para ir ao fim?

Que fôra que ella vira nos olhos azues de Charles Albert?

Rosa Maria não comprehendia. Mas no seu intimo alguma coisa apparecia de uma maneira nova e vinha para ella feito em riso e contentamento.

Quiz comprehender porque não fizéra com Charles Albert o que fizéra com os outros homens.... Ou elle era differente destes?

Então não queria se vingar da vida?

Ella não sabia. Tinha até ciumes delle quando alguma voz feminina o chamava ao telephone ou se demorava na embaixada. Chegou a seguil-o uma noite, em que desconfiou que elle não lhe falava a verdade.

Rosa Maria pensou mesmo que sem o seu Charles não poderia viver.

E foi modificando insensivelmente a sua maneira de proceder. Só o silencio do seu apartamento a contentava, agora. E sómente assim se sentia feliz...

Já não era a amante que apenas lhe queria o dinheiro; tornára-se uma mulher amantissima e fiel.

Charles Albert comprehendeu tudo.

Viu a sua transformação e o devotamento com que o tratava. Sentiu que tudo aquillo fôra sincero.

Aquella mulher podia ter errado por uma infelicidade qualquer e isso não o impediria de amal-a... O seu passado poderia ser esquecido. Iriam para bem distante daqui.... Iriam...

* * *

E foram felizes para longe...

Buscaram a França, o Ruão, o Sena, onde Charles Albert nascêra e queria ser feliz...

Rosa Maria, deante de tanta ventura, foi sorrindo. Conservou o seu velho juramento. Continuou a odiar os homens... para só amar verdadeiramente um...

O LYRIO VERMELHO

(CONCLUSÃO)

— Pela morte de Fo e de Confucio!... Disseste *Lyrio Vermelho?*

— Sim, Tching... Mas... como?... Assustaste?...

— Não, por Budha!... Mas tú, patrão, não conheces o poder dessa seita que faz tremer até o proprio imperador.

— Já sabes que não sei o que significa a palavra mêdo.

O chinez inclinou-se humildemente, pondo a mão no peito.

— Patrão, eu tambem nunca fui um covarde, mas temo por ti... Já que o queres, morreremos juntos.

O commandante do "Rossia" leu de novo, attentamente, a mysteriosa mensagem, e depois ajuntou:

— Não posso comprehender como se encontra aqui este papel, mas, afinal, sua procedencia não é o que mais me interessa. O que quero saber é o objectivo dessa seita.

— Patrão, tenho uma suspeita.

— Fala.

— Vejo rondar frequentemente a casa de mister Gurney um joven chinez.

— Tú o conheces?

— Sim: era o grande chefe do Lyrio Vermelho.

— E por que não mo disseste antes?

— Que poderia eu ter dito de concreto?... Talvez Tseu passasse casualmente por ali.

— Quem é esse Tseu?

— Teu rival.

— Agora comprehendo o interesse da seita.

Peter calou-se. O ciume e a ira suffocavam-no, privando-o até de pensar. Depois se refez e disse:

— Desafio a seita do Lyrio Vermelho e seu chefe Tseu!

— Venceremos, patrão, eu to asseguro!

— Arma-te e vamos prevenir a miss Netty.

O capitão e Tching, remando com extremas precauções se dirigiram para aquella lingua de terra que da ilha de Hiang-Sciang se interna no mar cerca de dois kilometros.

Em dois saltos Peter estava em terra: o chinez ia seguil-o, mas o capitão lho impediu.

— Fica — disse. — Eu entrarei só e procurarei ter noticias.

— Que Budha te guarde!

O joven russo, revolver na mão, avançou por entre as ruas estreitas que formavam o bairro chinez. Mais além, sobre uma pequena collina, se encontrava a casa de sua noiva.

* * *

Peter, aguçando o olhar, pareceu ver uma sombra que se ia collando ás paredes.

Apontou então seu revolver para aquelle desconhecido, murmurando:

— E' a terceira pessôa que me segue esta noite e depois desapparece.

A sombra avançava rapidamente.

— Quem vae lá? — perguntou o russo, com poderosa voz.

— Por Budha! — respondeu o desconhecido.

— Tú, Tching?

— Sim, patrão, teu servo. Estiveste em casa de miss Netty?

— Cala-te!... Logo que entrei na villa, não ouvindo nenhum ruido, suppuz que dormissem... Nem siquer ladrou o cão de guarda e qual não foi minha surpresa ao ver a porta cancella aberta. Subi correndo a escada e encontrei o pobre mister Gurney em seu dormitorio em meio de um charco de sangue.

— Por Confucio!

— Entrei nos aposentos dos criados, que encontrei amarrados e amordaçados. Libertei um, que me contou, tremendo, que alguns homens mascarados se haviam introduzido silenciosamente na villa, matando o patrão, reduzindo á impotencia a criadagem e raptando miss Netty.

— Então foi Tseu!... Coragem, patrão: não percamos tempo. Segue-me: eu sei onde esse cão tem guarida.

— Tenho confiança em ti — tornou Peter. — Vamos.

E lançaram-se por entre as immensas planicies de Huang-Tong, entre as aldeias e os pagodes abandonados, verdadeiros refugios de malfeitores.

Depois de uma hora de caminho, chegaram a uma vasta construcção de estylo chinez.

— O pagode de San-Kiao-y-Kiao — indicou Tching.

A pallida luz da lua illuminava as torres de porcelana azul e oiro que haviam resistido á acção do tempo. A parte superior dos arcos e o frontespicio estavam adornados com caracteres chinezes e figuras de deidades e animaes fantasticos.

— Aqui eu vi entrar o patife do Tseu — disse Tching. — E agora te explicarei tudo, patrão. Mas aqui não é prudente falar: vem um pouco mais longe... Quando te deixei, vi um homem vestido á européa. Tive suspeitas de que fosse Tseu e o segui. Elle chegou até este pagode, deu um assobio e se aproximou um homem.

Longamente estiveram falando, e eu ouvi toda a conversa. Tseu dizia que o golpe estava feito. Depois de ter escondido a moça, fôra encontrar-se com os homens do bando, dando licença aos filiados. Precauções necessarias, porque temia as iras da policia portugueza e do consul norte-americano.

— E que fazemos agora? Onde estará esse reptil?

O chinez sorriu.

— Nossa raça é vingativa — disse. — Segue-me, patrão, e escondamo-nos. Quando apparecerem os dois tratantes, saberemos recebêl-os. Faze bôa pontaria, patrão!

— Meu braço não tremerá!

O pagode, que por fóra parecia quasi em ruinas, estava, interiormente, em muito bom estado. Era uma ampla sala, cuja cúpola estava sustentada por oito columnas de mármore adornadas com baixo-relevos.

Perto da entrada, havia uma especie de tabernáculo feito na parede. Ali viram uma estatua que representava um anão sentado, uma deidade talvez com seis braços no alto. O terceiro braço da direita estrangulava uma serpente e o da esquerda segurava um copo triangular, como si quizesse offerecêl-o ao reptil. No meio da sala, havia uma fonte de marmore rosa cheia de agua.

De repente, se ouviu um leve rumor.

— Ahi estão! — murmurou o chinez. — Não te movas, não dispares em primeiro logar... Subamos a esta balaustrada.

Segundos depois, os dois estavam occultos, Tching entre as patas de um elephante, e o capitão em um ângulo escuro.

Dahi a pouco entravam dois homens: Um delles, chinez, a julgar por seu traje, levava uma lanterna, que deixou no chão, á esquerda do tabernáculo. O outro, vestido á européa, tinha, entretanto, a cara de um chinez. Tinha nos braços um grande vulto. Peter olhou e difficilmente poude conter um grito. O chefe do Lyrio Vermelho conduzia miss Netty!... Acercou-se da deidade, apertou um botão; e quasi a seus pés se abriu uma especie de tampa, ali deixando a infeliz Netty, desmaiada.

A lanterna illuminava os dois sectarios do Lyrio Vermelho. Subito, se ouviu a voz de Tching, que resoou nas abóbadas do templo:

— Agora!

Ao grito seguiram duas detonações, e depois mais outras. Tching e o capitão não deixavam a arma descançar.

O chefe do Lyrio Vermelho poude voltar-se, e viu de onde partia o ataque: seu companheiro cahira sem soltar um gemido.

— Que Budha te mal...!

Tseu não poude terminar sua maldição. Levou as mãos ao rosto e tombou dando um mugido.

Peter correu para onde estava Netty e, tomando-a nos braços, procurou reanimál-a, chamando-a com phrases de carinho... Nada!...

A joven não despertou daquelle somno eterno. Matára-o o terror.

O capitão, desfeito em lagrimas, se atirou sobre o corpo de Netty, emquanto Tching, procurando em vão occultar sua emoção, olhava aquelle homem rude, que chorava como um menino.

FLOR DALIZA (Capital) — Grato pela sua cartinha captivante. Creio que já dei uma grande prova de consideração e sympathia pela sua pessôa. Até lhe dei o meu telephone. Que mais fazer ?

Com prazer, escreverei no seu album.

Escreve V. Ex.:

"Quando tiver tempo, Yves, escreva no "fon-fon" alguma cousa sobre o amor, esse sentimento que, para a minha humilde pessôa não existe, e em o qual, muita gente não comprehende que se possa viver... Seria interessante saber a sua opinião. Fui indiscreta ? Desculpe-me. E' que, para uma creatura rude, indifferente a tudo e a todos, sem esperanças, sem ideal e pouco impressionavel, é esta uma questão complicadissima, incomprehensivel e muito importuna...

Façamos de conta que é você um velhinho, silencioso, de barbas brancas, a ensinar-me a viver...

Flor Da Liza"

Até hoje não tenho feito senão escrever sobre o amor. Os meus versos maus, as minhas chronicas vulgares, tudo isso reflecte o meu pensamento sobre o poderoso sentimento. Ha, ainda, o reverso da medalha, em "Uma garçonne carioca", o meu recente romance. Nesse livro, procuro provar que o amor não existe. Pelo menos sob o ponto de vista da excelsitude que lhe emprestam. E V. Ex. que diz haver lido o meu romance, naturalmente ha de ter percebido a minha these. Não é verdade ?

Não posso fazer contas que sou um velhinho de barbas brancas. Um moço não poderá ter a alma de um velhinho, nem este a alma de um joven. A alma, intangivel como é, não se finge, não se simula, não se modela como gesso ou cêra.

Está de accordo ?

* * *

ALVARO DELFINO (Rio Grande do Sul) — Attendendo o seu pedido, procurei os editores Flores & Mano e fiz a sua reclamação. Um dos chefes da livraria informou que a resposta seguiu, pelo correio, sob registro, em 24 de junho, em carta explicativa.

Sem duvida, o sr. já está de posse della.

Quanto ao mais, aqui o seu velho confrade, para o que dér e vier.

* * *

SYLOCA (Goyaz) — Com as minhas condolencias, declaro que o *Fon-Fon* não costuma publicar fotografias de pessôas conhecidas. Do contrario, teriamos de crear uma ampla secção para esse fim.

Outra qualquer homenagem prestaremos aos inconsolaveis paes de Syloca. Menos a que nos pedem.

* * *

ROSA MORENA (Capital) — A sua missiva é encantadora. Ella

NOCTURNO

Vem a mim, vem de longe, do teu corpo,
Um perfume sensual de mulher e de rosa...

A hora cae, arrastada, sem conforto,
De um relogio lá fóra... A casa é o tumulo de um morto...
Lucilla a alcova silenciosa.

Inda ha um pouco de ti nas rosas que murcharam,
Que tem sêde no vaso, esmirradas, afflictas...
No pente, nos crystaes que as tuas mãos tocaram,
No espelho que te viu surdir, branca flor linda e rara,
Dentro de um sonho de rendas e de fitas !...

Nunca mais voltarás ! Pela noite sombria
O vento chóra num lamento...
Trevas em procissão nos corredores frios
Arrastam mantos de melancolia,
Espectraes e subtis, a passo leve, lento....

Ah ! Pudesse eu fugir como o vento lá fóra,
Perder-me, uivando, na distancia !...
E, em vez da calma da desesperança,
Torcer-me a dor em crise e o desespero em ansia !...
Oh ! minha magoa, chóra !... Escuta o vento... Escuta como chóra!...

Que martyrio me veem de longe, do teu corpo,
Nesse aroma sensual de mulher e de rosa !...
Por que vens pelas horas sem conforto
Turbar a paz ao tumulo de um morto,
Perfumando esta alcova silenciosa ?!

ALMEIDA COUSIN.

(Do livro inedito "*Naufragios*")

me agrada sob todos os aspectos. A personalidade da sua autora é captivante. E quanto ao que diz respeito á sua visita á minha humilde pessôa só tenho a dizer que ella me encanta e envaidece.

Só desejo que me avise, pelo telephone, o dia em que porá em execução a sua promessa.

Quero mandar encher de flores a nossa redacção.

Gostou ?

ARICAR (Bahia) — O sr. está plenamente convencido de haver traçado uma pagina de fina litteratura cinzenta... Apenas o que acho é que ella não agrada ao *Fon-Fon*. Mas póde ser publicada no "Saibam todos"...

Quer assim ? Si quer, ella aqui vae:

FILIGRANAS

Hora crepuscular.

E' nesta hora de cinzenta poesia e de um pôr-de-sol alvacento-alaranjado, que eu me quédo a rememorar os momentos que eu passei mui chegado a ti, numa doce convivencia de um ambiente môrno e acariciante...

Como é bom recordar !...

A minhalma, elevando-se com essa agradavel reminiscencia, revive o nosso amôr, implorando-te, mais uma vez, alguns instantes deliciosos como aquelles, para uns desses crepusculos de cinzenta poesia, de um pôr-de-sol alvacento-alaranjado...

ABICAR

MARLIS (Rio G. do Sul) — E' deliciosa a sua cartinha. Vejamos o que V. Ex. me diz, na sua simplicidade encantadora:

"Querido Yves — Já estava desanimada e imaginando que minha carta tinha ido "para a cesta", quando o ultimo numero de "Fon-Fon", aqui chegado, trouxe-me a certeza que ella havia sido entregue a seu destinatario.

Escrevo-te mais esta vez, com o fim de agradecer a resposta, mas confesso que não esperava uma naquelle "genero", e, não fiquei de todo satisfeita, mas... é melhor não tornarmos ao assumpto.

Lendo a chronica "Para que serve um juramento de amor", deixaste-me com curiosidade de conhecer tua "gaveta". Tambem percebi muita ironia. Acaso não acreditarias num juramento de amor ? Por que ? Serei muito indiscreta nesta pergunta, ou importuna, talvez ?...

Agora, um pouco de paciencia, Yves, e mais uma perguntinha : Como podes saber se sou senhorita, e tanto mais bella ? Se estiveres enganado ?

Adeus, Yves, mais uma vez "gracias", e um carinhoso abraço da

Marlis".

Não é difficil conhecer a gaveta da minha banca de trabalho. E' só dar um pulo dahi da terra dos pampas ao Rio, e dirigir-se a esta redacção.

No ultimo caso, poderei envial-a por via-aerea. Serve ?

Ignoro si V. Ex. é senhorita ou madame, si é feia ou formosa. Mas creio que veste saia... Não, D. Marlis?

YVES.

Toda e qualquer correspondencia designada o "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON-FON — 20 - 8 - 932

Data da consulta..................

Nome do consulente..................

....

ANGÚSTIA

Neblina melancolica descança
A bocejar de somno nos telhados,
E a mão da noite, vagarosa e mansa,
Fecha no céo os negros cortinados.

Ebria de dôr e cheia de ansiedade,
Afóra o teu amor, nada busquei.
E em mil noites de pallida saudade,
De lado a lado, como louca, errei.

Fitando a via-lactea lá na altura,
Percorro a rua onde a desdita móra.
Ouço a respiração da noite escura,
Escuto o vento, que soluça e chora.

Nesta noite presaga, os meus cuidados,
Dentro de mim a torturar-me estão;
Abro na treva os braços desolados,
Ou comprimo no peito o coração.

Ninguem as mãos para amparar-me estende,
Ninguem me escuta a voz angustiada.
O céo não me ouve, o inferno não me attende,
Toda porta em que bato está fechada.

Na distancia apagada os olhos fito,
E ahi demoro o olhar prescrutador,
Na ansia de ver, rolando no infinito,
Dois astros rubros de um immenso amor !

Marmórea solidão, tétrica e fria,
Levanta a tampa escura de uma lousa;
E o seu olhar, que lá no fundo espia,
Vê um coração que bate e não repousa.

Espéra, coração ! Contem-te ! acalma !
Tu não vês que, batendo, coração,
Maculas a brancura de minhalma,
Trahindo a cada instante esta paixão !

Vendo que em mal o bem se me transmuda,
Ouvindo o vento uivar á minha porta,
Eu fico no meu ermo inerte e muda,
Como si ha muito já estivesse morta...

LYS DORISON

Sumira-se!

De HORMINO LYRA

O engenheiro naval João Nepomuceno Baptista foi o segundo director da Repartição Geral dos Telegraphos na Republica, e no exercicio do alto cargo manteve-se de janeiro de 1890 a dezembro de 1891, um anno e onze mezes, quando, é verdade que o seu antecessor, José Augusto Vinhaes, não passou de um mez e vinte e sete dias, para contrastar com o periodo administrativo do primeiro e unico director na Monarchia, barão de Capanema, que no seu posto permaneceu durante trinta e quatro annos e oito mezes!

Quer isso dizer: quando os politicos batiam ás portas dos Telegraphos, Capanema esticava o dedo index e acenava abalando-o para um e outro lado afim de responder — não! E quando appellavam para o proprio D. Pedro II, este respondia que o director dos Telegraphos era o barão de Capanema.

Até contam, como certo, certa vez haver um ministro pedido ao monarcha a substituição daquelle director por causa de um desentendimento entre os dois. O imperador, porém, lembrára-lhe que o barão fôra o fundador dos Telegraphos, era um technico a quem não podia substituir com facilidade; e accommodou as coisas de modo que o ministro se conservou no seu Ministerio e o director ficou tambem na sua Repartição.

Naquelle tempo não podiamos paraphrasear Voltaire acêrca da Academia Franceza, dizendo haver de tudo na classe telegraphica: engenheiros, medicos, advogados, pharmaceuticos, dentistas, contadores, jornalistas, poetas, prosadores e... por acaso alguns telegraphistas. Hoje, porém, poderiamos fazêl-o; mas, para que, si de facto o são todos elles?

Bons technicos, optimos operadores são especialmente encontrados no meio dos telegraphistas. E' esta a verdade.

Ha tambem na classe muita gente mal preparada nas proprias disciplinas professadas nos collegios; isso, por causa do *pistolão* nas provas do concurso exigido pelo Regulamento, e esta é tambem a verdade, mas a percentagem ainda não dá para encher ninguem de espanto.

Aliás, o meu exemplo do *pistolão* no concurso não é privilegio de uma ou outra Repartição: é geral.

* * *

Um dia, estava Nepomuceno Baptista occupadissimo no gabinete da Directoria, quando fôra o continuo dizer-lhe que um homem nervoso, muito zangado, desejaria falar-lhe. Por sua conta, já havia informado ao referido senhor ser impossivel o director attendêl-o áquella hora; mas tanto insistira, tanto retorquira, que o modesto funccionario achára conveniente ir communicar o facto á primeira autoridade dos Telegraphos.

Ficára o director curioso por ver a pessôa que o procurava com tamanha insistencia, e ordenára ao continuo:

— Mande-o entrar.

Entrára o homem zangado no gabinete do director e queixára-se-lhe amargamente de um funccionario que fôra attendêl-o ao postigo da sala da taxa da Estação Central; éra malcriado, éra insolente: chamou-o de bésta!

Contrariado com o que acabava de ouvir, ao continuo ordenára o director ir chamar immediatamente o desattencioso telegraphista á sua presença.

Vem o funccionario faltoso, entra no gabinete da Directoria com o sorriso que tinha sempre prompto ao falar com qualquer pessôa, pois éra de facto uma bôa alma, e, sem se alterar, explica o caso:

— Senhor director, esse senhor maltratou-me, porque desejava que eu procedesse em desaccôrdo com o Regulamento: chamou-me zebra; disse que esta Repartição era uma cocheira... Julgando poder acalmál-o, eu lhe obtemperei que satisfaria á vontade delle, si me trouxesse uma ordem do senhor chefe da Central dos Telegraphos. Objectou-me: "E do seu director?" Respondi-lhe que seria ainda melhor. Gritou então: "Seu director é uma bésta!" Retruquei-lhe por fim: "Bésta é o senhor!"

Sahiu-se com *quatro pedras*; deu medonho escandalo lá em baixo, rebombou e em seguida subiu estas escadas, rapido como o relampago!

E o director, com sorriso amargo nos labios tremulos:

— Mas o senhor chamou-lhe bésta?

— Sim, senhor. Foi só o que lhe disse...

Nepomuceno Baptista, que era muito energico, ás vezes se tornava violento quando se zangava:

— Nem lhe devia ter dito isso! Pois não tinha um tinteiro para jogar na cara desse imbecil?!

E, quando se virára para o reclamante, já o não encontrára. Ninguem mais o viu... Sumira-se!

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado. vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Michel Zévaco.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

Seara alheia

A acção dos poetas

Os poetas? — disse-me o homem da City — Acreditará você que esta chusma sirva para alguma cousa?

Expuz-lhe, modestamente, minha opinião. Os poetas — não ha duvida — servem para poetisar a vida. Se, ao menos, custassem muito caro!... Mas, não comem quasi nada. Uma nação como a Inglaterra poderia sustentar, sem grandes sacrificios, um sem numero de poetas.

— Para poetisarem a vida? — perguntou o homem da City.

— Precisamente.

— Os poetas nos humanizariam, impregnar-nos-iam de ternura, far-nos-iam sentimentaes, não é isso?

— E' isso mesmo.

— E não vê você, então, que os nossos negocios nos dariam na cabeça?...

Ah! os poetas!... Sucia de vagabundos e embusteiros!... Fazem versos ás moças, que seduzem, offerecendo-lhes ouros e pedras preciosas e, no emtanto, não têem nickel nos bolsos! Se os poetas chegassem a tomar pé entre nós, dentro de alguns annos teriam corrompido toda a energia anglo-saxonia. Começariam a cantar alvoradas e crepusculos, arvores, flores e passaros.

Nossa mocidade se distrahiria com todas essas baboseiras e nada faria de util. A pretexto de poetisar a vida, tornál-a-iam sentimental. Exaltariam o amôr materno e o fraternal, a vida do lar... etc. Os jovens empregados da City fariam versos estupidos nas suas horas de ocio. Os rapazes que hoje vão ganhar a vida no Transwaal ou na India commover-se-iam muito antes de abandonar a casa paterna e bôa parte delles ficaria em Londres, sem futuro nenhum.

Emfim, seria a desgraça, a ruina... Não lhe parece?... — Julio Camba.

Olhos gloriosos

OLHOS gloriosos não são, por certo, os que fitaram o sereno esplendor das madrugadas e o encanto singular dos plenilunios. Olhos gloriosos não são os que viram o desabrolho dos trigaes e das seáras. Nem os que desvendaram, thaumaturgicamente, o mysterio das asphéras infinitas, banhando-se na luz dos estellarios.

Olhos gloriosos não são, tambem, os que se embeberam no glauco dos mares ignotos e das florestas melancólicas. Nem os que viram o fulgor divino que há pelas naves e pelos hostiarios.

Olhos gloriosos não são os que viram arfar de antigas caravellas e o alvoroço das justas medievaes. Olhos gloriosos não são os que viram um dia, a alma de Renan, de joelho, em Acropolis. Nem os que viram, num milagre, rosas a chover por sobre a terra.

Olhos gloriosos não são os que viram, enlevados, Pericles a chorar por sua Aspasia. Olhos gloriosos não são os que se extasiaram nas telas de Rembrandet ou no marmore palpitante dos sonhos miguelangelescos. Olhos gloriosos não são os que viram Venus a surgir dentre as espumas.

Olhos gloriosos são meus olhos, sim, olhos gloriosos são meus olhos!... Porque só elles, em verdade, conheceram o encanto de tua carne alabastrina e as maravilhas do teu corpo lindo. Olhos gloriosos são meus olhos, porque, ainda hoje, te trazem, muito pulchra, estonteante, nas retinas...

HORACIO MENDES

FOLHAS MORTAS

Como um castigo ou como lei medonha,
segue-me a obsessão das folhas mortas...
Amo-as rolando pelas ruas tortas,
amo-as rolando pelo chão, rolando
num desespero de quem vae penando,
num desalento de qu m ama ou de quem sonha!

Amo-as na solidão agonica da tarde,
na hora em que o sol é como um cirio que arde
no ultimo momento...
Na hora da saudade,
quando a sombra da noite a terra invade
e as folhas fazem procissão no vento !

Amo-as porque ellas soffrem resignadas,
e vão cantando na asperezu das estradas,
sem um rumo direito,
levadas para o sul ou para o norte,
como um sonho desfeito
pelo punhal fatidico da morte!

As folhas mortas são como os sonhos da gente...
Já tiveram, talvez, o periodo do amôr,
e sentiram, tambem, como eu senti na mente,
febre, paixão, loucura, anseio e dôr...

As folhas mortas ! Como um sonho morto,
vejo-as passar como um tristissimo lamento,
de desconforto em desconforto,
levadas pelo vento !

E vão rolando pelo chão, rolando
como quem vae penando
sem um rumo direito,
levado para o sul ou para o norte,
como um sonho desfeito
pelo punhal fatidico da morte !...

. . . .

E em todos os meus dias de cansaços,
quando eu caminho pelas ruas tortas,
o soffrimento me acompanha os passos
e eu tenho a obsessão das folhas mortas !...

Oswaldo Gouvea

O "Sermão Prismatico"

É uma novidade americana, afim de conciliar a sciencia com a religião, uma acudindo á outra, e pondo ao serviço desta ultima os seus recursos e os seus mais perfeitos inventos.

A idéa occorreu á mente de um architecto de theatro, o sr. Bragdon, que inventou um systema de illuminação electrica tendendo a exercer benefico influxo sobre o publico, attento no sermão. Fez-se recentemente a experiencia na igreja de São Marcos em Nova-York. Emquanto o pastor pronunciava o seu sermão, mãos escondidas percorriam um teclado de interruptores, disposto como as teclas de um piano. No interior da igreja, as paredes e o altar são cobertos por um sem numero de lampadazinhas electricas de todas as côres. A qualidade e volume da luz variam todo o tempo como para accentuar as palavras e a inspiração do pregador. No fim da cerimonia, elle explicou aos fieis a significação do novo invento. Disse que uma combinação de azul e de verde produz um senso de tranquillidade e intensifica as aspirações para a paz do espirito. O amarello alaranjado, reunido ao rosa, produz estimulo elevado. Quando, ao contrario, é necessario produzir no publico uma impressão de mysterio e induzir o pensar no mundo de além, as luzes se vão rareando até se apagarem.

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

UVA PRETA . . .

Teus olhos são assim como dois bagos de uva
preta
no parreiral da casa do vizinho;
por elles,
manhãzinha,
passo mansinho,
mansinho...
com mêdo que ao ruido
dos meus passos
os dois bagos
percam.
o equilibrio
e rolem,
sózinhos,
pélo chão...

Depois,
as horas ficam somnolentas...
e passam lentas,
muito lentas...
... e dentro em mim se asyla uma saudade im-
[mensa!

Na angústia dos cuidados,
estendo aos céus os braços...
e canto
uma elegia doirada!
... ganha o espaço
um rumôr de beijos longos,
húmidos e quentes,
de boccas que se buscam
e premem incendiadas...
uma canção de beijos e de lágrimas!

O HOMEM SOLITARIO

O homem solitario, quando chega um dia festivo, se sente ainda mais solitario no meio do povo que invade as ruas da cidade, as salas dos theatros, os passeios, os cinemas.

Sua silhueta insignificante perambula por entre a multidão, sem se confundir com ella. Sempre o conhecereis, embora nada o distinga dos outros. Arrasta-o a voragem dos que passeiam, e elle não passeia. Arrasta seus pés. Olha, para onde? Para o alto. Si é de dia, para o azul dos céos. Si é de noite, para o estrellado firmamento.

Não sabe para onde vá.

Deve ter uma pena bem profunda. Pára deante de uma casa de diversões e penetra nella. Afinal, tomou sua resoluçaõ.

Já não é o homem solitario. O bulicio da festa domingueira, a musica estridente, as consoões e os gritos dos comediantes alegram os espectadores, juntam-nos em um ponto de embriagador paroxismo.

Mas o homem solitario se sentou em seu logar com os olhos sempre fixos para o alto.

Já não vê o céu azul nem o firmamento polvilhado de estrellas.

Vê o tecto vulgar da sala pintada de branco e amarello, com o estuque sujo e desbotado.

Ondas de júbilo, de

Passatempo á beira-mar

NÃO faltam distracções na vida á beira-mar. Mas acontece, ás vezes, não se ter o que fazer.

Então, nas tardes límpidas, póde-se contemplar o horizonte á procura do mysterioso raio verde. Fixa-se o olhar do sol que descamba quando o seu disco está quasi para desapparecer de todo. E, então, se pódem notar dois phenomenos distinctos: a ultima parcella de sol visível toma uma côr azul esverdeada; logo depois, se produz o raio verde; quando se some o ultimo raio solar directo, apparece uma estreita e escura irradiação esverdeada, cerca um oitavo do diametro solar.

O raio verde, segundo os montanhezes da Escossia,

D e E u g . L a p a g e s s e

E, á tardinha,
quando volto
da cidade,
venho louco,
embriagado
de ansiedade,
para vêr
si algum transeúnte ousado,
ou descuidado,
não fez tremer ao ruido de seus passos
esses inegualaveis
e, certamente,
doces
bagos
de uva preta...

Mas, ao vêl-os tão quietinhos,
inebriado
de felicidade,
páro um instante,
e sigo,
após,
devagarinho...
e vou pensando
na transparência azul da taça de crystal
que ha de conter,
um dia,
o perfumado e capitoso vinho
desses dois bagos de uva preta
que, enlanguecidos,
velam no parreiral da casa do vizinho...

De José Brisa

harmonias orchestraes, percorrem o âmbito, vão do scenario ao público, quaes écos de risos juvenis.

O homem solitario levantou-se lentamente de sua cadeira. Seu rosto já não está impassivel. Tem uma careta de maior desconsolo que antes: e só nisso se conhece que aquelle rosto vive.

O homem solitario abandona o salão e mergulha novamente no tumulto festivo da rua.

Apressa o passo. Parece que foge e que foge de si mesmo. Chega a um descampado. Senta-se.

Por fim está isolado do mundo. Nem um ser vivo perturba a soledade que o cerca. De seu peito escapa um suspiro de satisfacção.

Um silencio tão grande se espalha em torno delle, que se ouviriam as pulsações de seu proprio coração.

Então, o homem solitario, lentamente, pondo no que faz sua attenção mais profunda, desdobra uns papeis velhissimos, que tirou do bolso, e apparece um retrato, que elle leva aos labios.

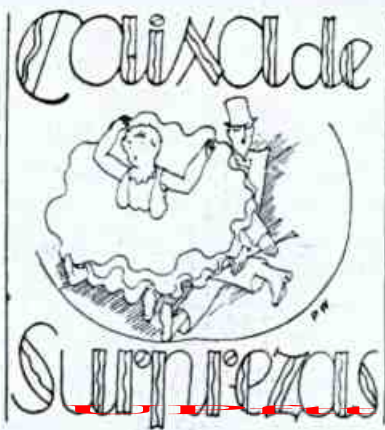
O homem solitario chora.

---

dá o poder de se ver claro no proprio coração e no coração dos outros. O phenomeno tambem se verifica de madrugada e tambem, menos bem, na montanha.

E outra distracção: Uma pessôa está numa sacada á beira do mar, e vê apparecer no horizonte um navio. A que distancia estará? E' preciso saber a que altura sobre o nivel do mar se está.

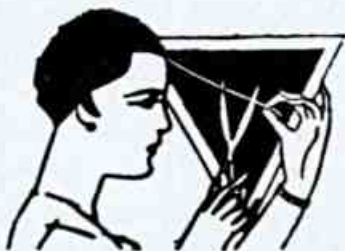
Reduz-se essa altura a decimetros, accrescenta-se vinte e cinco por cento, extrae-se a raiz quadrada... e tem-se o numero de kilometros que representa o comprimento do raio do circulo do horizonte desse ponto de observação, isto é, a distancia do navio quando elle apparece.

CRANEO HUMANO NO ESTOMAGO DE UM TUBARÃO — Nas aguas do mar dos Casnybas foram pescados com redes varios tubarões, entre os quaes um que media quatro e meio metros e pesava mais de quinhentos kilos. Ao abrirem-no, foi encontrado no seu estomago um craneo humano e duas pernas. O medico que examinou estes tristes despojos assegurou que se tratava de um joven de cerca de 25 annos. Quando o caso chegou ao conhecimento da policia de Florida, se fizeram logo numerosas investigações. O craneo foi submettido a um exame clinico. Poude-se, então, pela fractura que apresentava na mandibula estabelecer a quem pertencia. A victima fora Rogers Mc. Cornick, um *boxeur* de Boston, de 3.ª categoria, que chegara na semana anterior para disputar alguns *matches*. No 3.º dia depois de sua chegada, Rogers havia desapparecido mysteriosamente do seu campo de treino, situado á beira-mar. E' provavel que, na occasião em que se banhava, tivesse sido surprehendido pelo tubarão.

RELOGIOS

Nas tardes chuvosas, especialmente nessas tardes adormecidas sob a abobada cinzenta de nuvens carregadas, qualquer pancada de relogio fere-me o ouvido como timidas mensagens de nostalgia que eu desejaria esquecer:

... uma pequenina téla do passado engastada no pensamento...

... um pedaço de saudade que ainda móra no coração...

Mas, si a noite me encontra, no fundo dessa tristeza, diluindo em lagrimas, uma por uma, as recordações recebidas como contas de crystaes a cahir de estrellas—, é naquelle mesmo marcador de horas, frio, cacête, imperturbavel, que a minha angustia se deita, á espera da esplendorosa madrugada com a sua côrte de nimbus engalanada em tintas de arco-iris...

O sol, — remendão delicioso das noites mal passadas — é sempre a melhor inspiração para novos amores.

BRAZ GUÉTTE

CURIOSIDADES DE ALGUNS ANIMAES — Os cavallos quando procuram que comer nos campos fazem-no apenas guiados pelo olfacto. A prova disto está em que os cavallos cegos nunca se enganam na escolha da herva.

Os leões e os tigres correm mais que um homem e tanto quanto um cavallo, em pequena distancia, porque perdem o folego ao cabo de uma carreira de um kilometro. Ambas estas feras teem os pulmões muito pouco resistentes e só podem fazer um grande esforço durante pouco tempo.

A força de um elephante normal equivale á de 33 homens; a de um camello, á de 19; a de um dromedario, á de 13; um burro é mais forte que 6 homens e o jumento vale... por tres.

O coração dos animaes herbivoros bate, em media, 58 vezes por minuto: o dos carnivoros, 75.

Ligue para a Radio Sociedade Record (P.R.A.R.) ou para a Philips do Brasil (P.R.A.X.) terça-feira ás 21,30 horas para ouvir um programma de lundús, batuques, sambas, cateretês e maxixes com a historia de cada um delles na vida brasileira.
Claridade ou deslumbramento?
A lampada que deslumbra os olhos e que se não póde encarar, é muito prejudicial ao sentido da vista e não preenche a sua finalidade, que é alumiar pela diffusão perfeita da luz.
E a ultima descoberta dos tempos modernos da electricidade é a lampada fosca internamente, que occulta aos olhos o filamento incandescente e permitte melhor diffusão da luz.
Não se illuda julgando que a lampada fosca por dentro não dá tão boa luz quanto a de vidro transparente! Não confunda claridade com deslumbramento!
Ao comprar lampadas electricas exija do seu fornecedor as foscas internamente para a preservação dos seus olhos e a melhor illuminação da sua casa.
PHILIPS
exija a lampada internamente fosca
LUZ...
MAIS LUZ...
A MELHOR LUZ...

ANNO XXVI — FON-FON — NUMERO 34

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 1932

TÉDIO

HONTEM, antes de dormir, li Schopenhauer.

Havia, ao redor da minha velha mesa de jacarandá, mais de um milhar de sentinélas do pensamento humano perfiladas nas estantes, e, não sei porque, fui direito ao philosopho allemão, discipulo de Kant.

A preferencia, entretanto, não me escandalizou.

Vinha do tumulto das ruas para a quietude da minha sala de livros, e trazia o espirito fatigado, batido pelas rajadas da tristeza, da dôr, curtia o soffrimento dos dias que vivemos.

Carregava o peso de uma desillusão intima e tinha visto, por toda a parte, semblantes assustados, perquirindo, indagando, procurando adivinhar desgraças no ar.

Lembrei-me, então, de um conceito de Schopenhauer: *O mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores.*

Estaria no primeiro caso?!...

Creio que sim.

A luta entre os homens foi sempre um espectaculo que me desagradou a vista, que sangrou o meu coração.

Porque raramente os homens lutam face a face, a peito descoberto. Geralmente, rastejam, emboscando-se nas trincheiras da perfidia, para ferir o proximo sem deixar vestigio da acção. Depois...

Pérde o tempo quem pretenda fazer da vida uma escola de virtudes e de amor. O mundo não está mal feito para os resignados e os vencidos pelo fatalismo religioso.

Para estes existe a consolação da felicidade eterna no céu, depois da provação terrena. Mas, o pão é feito com o suor, a lagrima do homem, estando catalogado como necessidade immediata, basica.

As bôas digestões dependem do pão. Na sua conquista dispendemos grande somma de energias.

Ah! eu estava com idéas estravagantes!

Encarnava o philosopho allemão, na certa...

Fui buscál-o para uma longa palestra antes de dormir. Desceu da estante, accomodámo-nos num *mapple*. Só não accendi um *havana* com mêdo de espantar as bôas ou más idéas, e tambem, por que não confessar?, por falta de dinheiro. Estamos em época de cortar na propria carne...

Que desencanto a vida!

Mas, Schopenhauer preparou-me o somno desta noite.

Sem elle, talvez não tivesse dormido, tão immensa era a tortura da minha alma, hontem, á noite.

Tentava decifrar uma incognita, mais do que isto, adivinhar uma esphinge!

Nós, quando fazemos o bem pelo bem, como ensinam as Escripturas, deviamos apoiar a mão direita num punhal.

Exigencia de conservação humana ignorada das almas incautas, ingenuas, crentes de que o bem géra o bem, como o mal vem do proprio mal.

Historias!...

O homem prevenido vale por dois, isto sim.

Nunca estamos só na encruzilhada da vida.

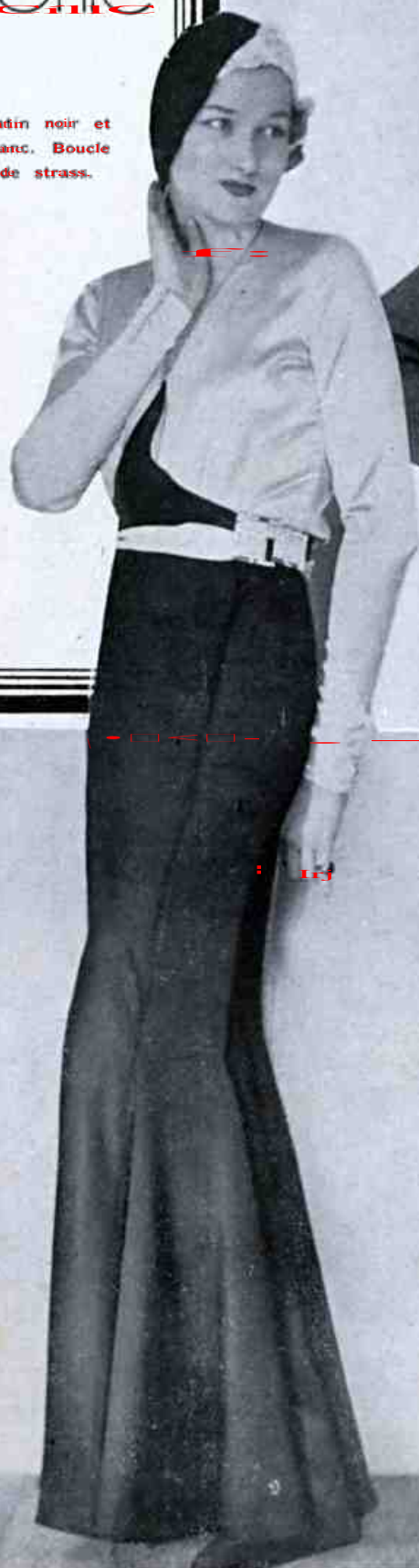
E quem nos espera na curva do caminho só não carrega o nosso relogio si temer o alcance da nossa arma.

Depois de uma noite de somno tranquillo, comprehendo muito bem o que sentia Schopenhauer quando escreveu: *Não ha nada que traduza melhor a ignorancia do mundo do que allegar como prova dos merecimentos e do valor dum homem o facto de ter muitos amigos; como si os homens concedessem a amizade consoante o valor e o merecimento! como si não fossem antes semelhantes aos cães que estimam aquelle que os afaga ou lhes dá apenas ossos sem maior solicitude. — Aquelle que melhor sabe afagar os homens, embora fossem os animaes mais horrendos, é esse que tem muitos amigos.*

Decididamente, falta-me geito para ter muitos amigos e devo melhor aprender a conhecer a virtude dos meus inimigos.

MARIO POPPE

A MULHER CHIC

Satin noir et blanc. Boucle de strass.

Robe de ville et boléro en lainage gris. Chapeau de piqué blanc, garniture rouge.

Robe de «marquisette» rose. Jaquette de velours noir.

Robe de crêpe marine. Garniture de mousseline apprêtée bleu clair.

(Photos especiaes da Casa Jean Patou para FOX-FOX).

Rosas de Velludo

Depois do seu regresso...

AFINAL, você voltou. Voltou mais amarga, mais desilludida e mais triste. Com uma descrença ainda maior do que a longa ausencia da sua ternura epistolar. Resignada como toda mulher que já se habituou ao soffrimento, e nelle encontra, mesmo, um pouco de consolo no desencanto da vida.

Mas injusta até commigo. Injusta no quasi scepticismo em que mergulha, desalentada e dolorosa, a sua sensibilidade rutilante. Você, minha linda esperança, não tem o direito de pensar mal de mim, que sempre, no nosso enlevo assustado e inquieto, vivi preso á sua fascinação e á sua melancolia. Não tem o direito de suppôr que sou capaz de esquecel-a. Sua vida e sua angústia se acham tão intimamente ligadas á minha vida e á minha angústia, que eu não comprehenderia nem acceitaria a felicidade sem você. Não acceitaria uma felicidade em que você, princeza e fada, não fosse o motivo luminoso da sua inspiração.

Você é o encanto supremo, é a suprema volúpia da minha alma. Você é a luz intranquilla que enche de claridade o meu destino. Você é o meu sonho, é a minha emoção, é o meu peccado. Sonho que inspira, emoção que exalta, peccado que enlouquece...

E eu?... Eu sou, apenas, a sombra afflicta da sua inquietação e da sua doçura melancólica. Eu sou o éco longínquo e amortecido da sua harmonia sentimental. Eu sou o reflexo apagado do seu deslumbramento amoroso...

Poderia, então, esquecel-a? Poderia afastar do pensamento a companheira do meu espirito e da minha solidão?

Quando a saudade é maior, e eu começo a evocar, amargamente, as horas lyricas em que os nossos olhos se misturavam no contágio irresistível do amor, sinto que todas as penas do mundo cabem dentro do meu coração. Sabendo que você soffre, que você se co[illegible]e na dôr, que você queima o incenso da esperança no thuribulo da recordação, — pensando em mim, e no nosso passado — eu fico mais triste, mais revoltado, mais afflicto e mais cheio do desejo de libertál-a para o meu amor.

Mas o desejo é, quasi sempre, uma força inútil no dominio do sentimento. Uma força que se quebra, e se destróe contra as muralhas dos preconceitos e das mentiras do mundo. E, deante de qualquer resistencia, o desejo estáca, desalentado e vencido.

Só a lembrança triumpha. Só a lembrança atravessa os receios humanos e transpõe as fronteiras do impossível. Só a lembrança não tem mêdo e afronta os preconceitos.

Eu ainda vivo da lembrança. Vivo de uma lembrança que perfuma e consola, embelleza e illumina o tormento e o silencio dos meus dias. Vivo de uma lembrança que desafia o esquecimento e derrama na minha alma a volúpia de querer e o anseio de ser feliz...

MAURO DE ALENCAR

Foi uma cerimonia tocante a inauguração, domingo passado, do monumento representando a imagem do Christo da Paz, erigido no jardim fronteiro ao Asylo de N. S. de Pompéa, no Meyer. Trata-se de um lindo trabalho em marmore, mandado construir pelos advogados do Districto Federal, num gesto de nobre e commovente solidariedade com a obra realizada pelo Asylo de N. S. de Pompéa, onde recebem amparo moral, material e intellectual as filhas dos encarcerados, e, ainda, num impulso christão e humano de fraternidade para que voltem a paz e o perdão á alma brasileira.

POEMAS DE FRANZ TOUSSAINT

AS sobrancelhas franzidas, a bôcca aberta, tu vês fugir, na correnteza do rio, o lindo vestido que se te escapou das mãos.

Passei por uma das margens e te gritei: "Salve, ó filha de Bakili! Que sejas muito feliz!"

Tu me respondeste: "Como poderei ser feliz? Não vês o meu vestido carregado pela corrente?..."

O poeta sabe servir-se das circumstancias. E eu disse então: "Filha de Bakili, tua mocidade é semelhante ao teu vestido na correnteza. Ella se afasta de ti, cada dia que passa, e tu não a pódes reter. Não te detenhas a vêl-a ir-se embora. Vem para estas sombras... Eu te darei um lindo vestido de caricias..."

*

NOTAS DE ARTE

A senhorita Lucia Pires, filha do casal Amandio Pires, terminou, com brilhantismo, o curso de canto no Instituto Nacional de Musica, obtendo, com o primeiro logar, a medalha de ouro. A joven artista, que tem sido muito felicitada por esse motivo, realizará, brevemente, um recital, que está sendo ansiosamente esperado.

Ella estava de pé, junto a mim. Olhei-a até o fundo da alma e tomei-lhe os pulsos delgados.

Fechando os olhos, ella me offereceu a sua bôcca

Acaso o viajor sedento se contentará com fructos, quando uma fonte lhe está tão proxima?

Emfim, os nossos labios se fundiram. E todo o corpo joven, contra o meu, não foi senão uma só bôcca...

Sobre um jardim [illegible]co de luar, a sombra negra de uma oliveira é arredonda.

Sobre a face pallida de uma joven, um [illegible] pousou a bôcca desva[illegible]rada...

A sombra da oliveira se volta para o jardim. A bôcca do nam[illegible]rado percorre o rosto [illegible] da joven...

*

Zilah, dizes tu, não [illegible] ama? Não é razão [illegible] desesperares e clamar pela Morte. Si, por [illegible]tura, a Morte respon[illegible] se aos teus gritos, tu [illegible] certo procurarias fug[illegible] tua resolução. Zilah [illegible] te ama? E' de estr[illegible]nhar... Pois ella [illegible]mitte que partilhes o [illegible] leito e que a desfru[illegible] como bem entendas. [illegible] Insensato! Zilah te [illegible]ferece rosas sem [illegible]nhos, e tu desejarias [illegible]tigas? Que ella venh[illegible] te amar, como tu o [illegible]res, então tu voltará[illegible] me falar de morrer, e [illegible] te escutarei, talvez...

Yve[illegible]

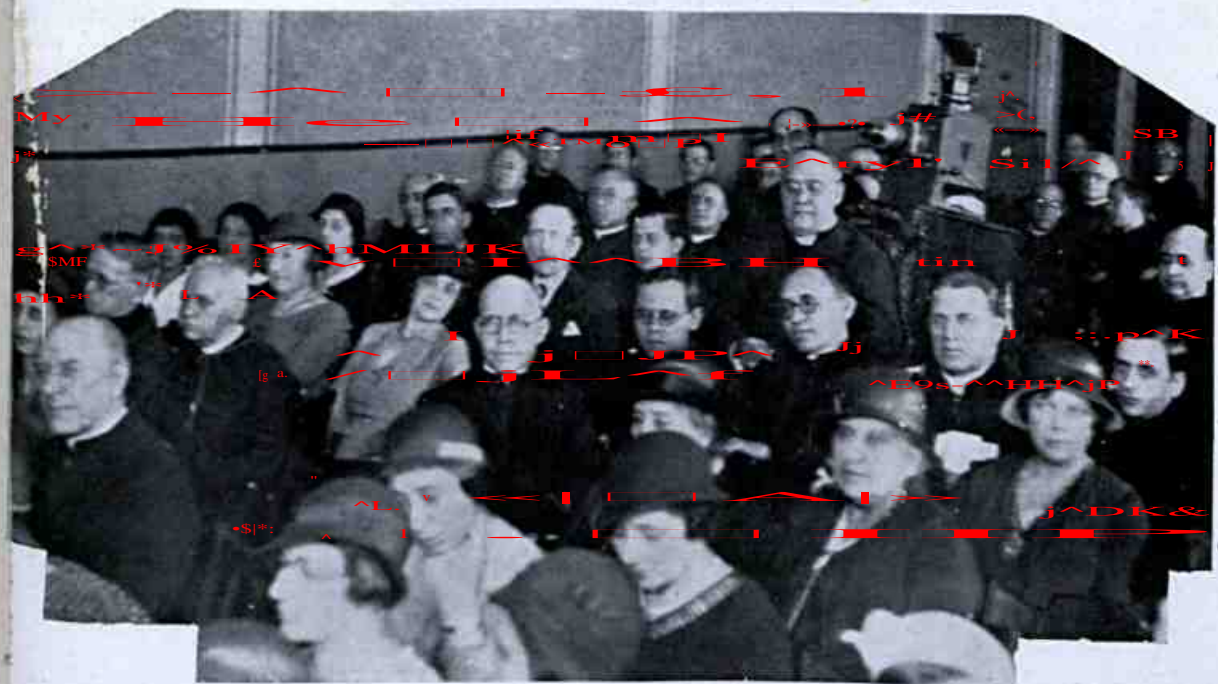
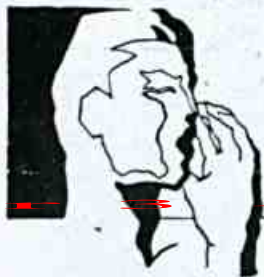
Sob a presidencia do cardeal d. Sebastião Leme, realizou-se, sexta-feira da semana passada, no salão de festas da matriz do Sagrado Coração de Jesus, a cerimonia da entrega dos certificados ás moças que acabam de concluir o Curso Intensivo de Formação á Acção Catholica, e que apparecem na gravura acima.

[...]OM[...]ES

Os nomes dos individuos nem [...]mp[...] exprimem o que elles em [...]rda[...]le são. Em geral, até signi[...]am o contrario.

Muitos Cândidos não têm a me[...]r candura e muitos Innocencios, menor innocencia. Os Leões não assustam ninguem e os Boaventuras dão urucubaca. Alguns Judas são bons e leaes, como alguns Jonas engolem baleias, em vez de sêrem por ellas engolidos. Os Sylvestres não gostam do matto e os Urbanos detestam as cidades. Ha Jacynthos que cheiram mal e Lázaros que cheiram bem.

Quantas Açucenas não são trigueiras e quantas Brancas não são morenas! As Evas não andam com fôlhas de parreira e as Veras mentem pelos cotovellos. As Placidas ás vezes são irosas e as Walkyrias ás vezes são placidas.

Não ha que fiar em nomes de homens ou de mulheres...

Um aspecto da assistencia á solennidade de sexta-feira penultima, na matriz do Coração de Jesus, vendo-se, ahi, sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme.

Alto-Falante

LIVROS NOVOS

Os meus ultimos ocios domingueiros trouxeram ao meu espirito — todo o meu pequeno e immenso "mundo interior" sob o suggestivo encanto e impressiva magia de uma varinha de condão. E' que os dediquei á amavel e deliciosa companhia de alguns bons livros, coisa, hoje, não muito commum.

Pertence á turma dos doutorandos de 1931 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o dr. José Pio da Rocha, intelligencia robusta da nova geração e figura muito estimada nos circulos sociaes e scientificos desta capital.

A recente promoção do dr. Jayme de Hollanda Tavora no quadro de funccionarios da Secretaria da Viação e Obras Publicas foi motivo para que os collegas e amigos do illustre secretario do ministro José Americo o homenageassem com as mais expressivas demonstrações de sympathia e apreço. Realmente, o dr. Jayme Tavora é uma figura estimadissima em nossos circulos intellectuaes e sociaes, pelos seus dotes de espirito e pelas suas qualidades de coração. O decreto do governo promovendo-o, por merecimento, a segundo official do Ministerio da Viação, representa, pois, um acto de justiça, realçado pela circumstancia de ter sido o seu nome indicado, em plebiscito, pelos seus collegas daquelle departamento de Estado.

O nosso distincto patricio dr. Elpad... Prata, que collou grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, após um brilhante curso, sendo considerado um dos primeiros alumnos de sua turma.

Foi assim, na paz envolvente do meu gabinete de trabalho, illuminado de belleza e de fascinação artistica, que li *Adelmar Tavares, Théo Filho e Veiga Lima.*

E, sob o intenso deslumbramento do Caminho Enluarado — *a ultima obra de Adelmar — é que dei inicio á peregrinação espiritual das minhas folgas* domingueiras.

Adelmar é sempre o poeta das emoções delicadas, das coisas simples e humildes, a que elle dá sabor e movimento de agua fresca de regato e colorido natural e chromatico de floração sylvestre. Sua poesia evoca verdura e matizes de campos floridos, fragrancia de matta tropical. Tem sangue e tem alma de cabocla sertaneja, o lyrismo suave do cantor de Caminho Enluarado.

* * *

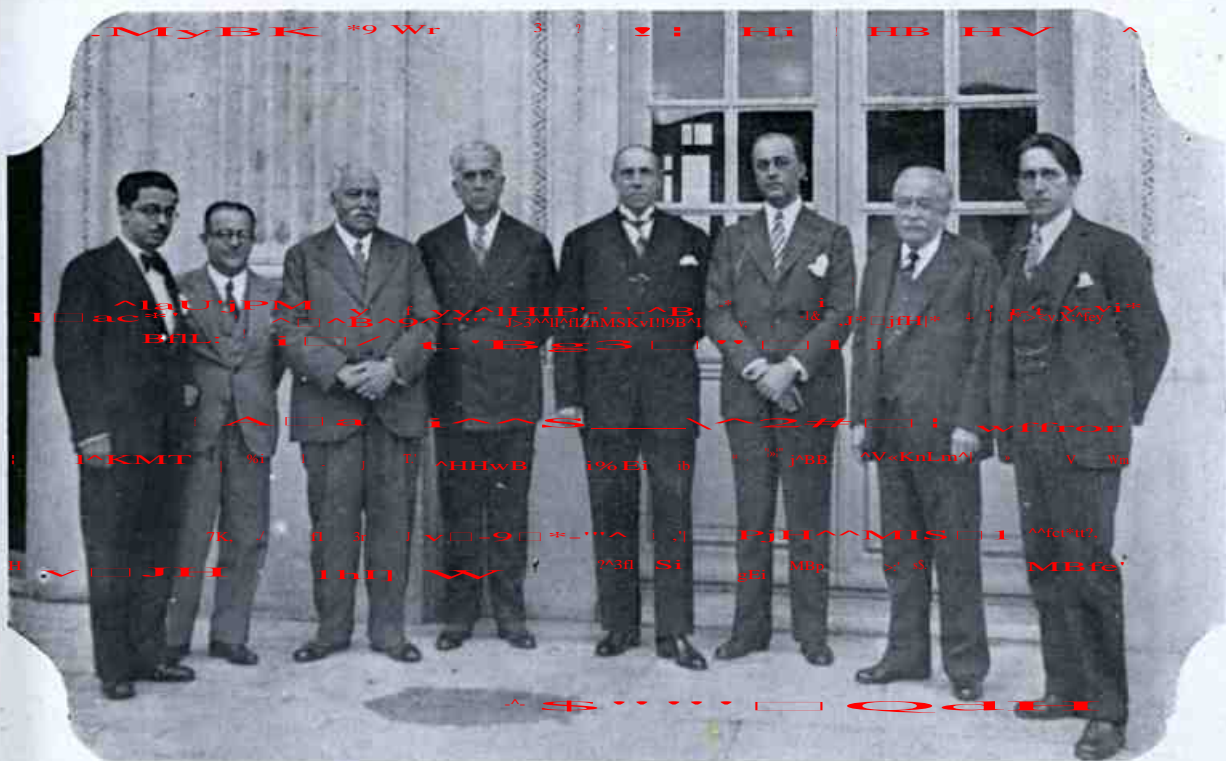
Théo Filho é um paysagista admiravel, a trazer na retina deslumbrada, o sonho colorido de sua alma de turista, de globe-trotter. Na fixação dos scenarios naturaes ou ficticios que trabalha, no arranjo e combinação do colorido que lhes empresta, *Théo faz lembrar Turguenieff. Pincela o céo e o mar e a terra do seu sonho de arte creadora com a mestria de um grande pintor, a quem não escapou os nuances mais delicados.* Aventureiro, *á Loti, Théo vem creando, para deleite, expansão e conforto do seu espirito inquieto, um ambiente de maravilhas e de fascinação.*

Seu ultimo livro — A Ilha Selvagem *é um encanto, no genero. Prende, fascina, delicia esta excursão espiritual, cheia de sensações pittorescas, á* Ilha Selvagem.

* * *

Maria Eleonora *é uma figurinha suave e meiga, inquieta e sonhadora, que* Veiga Lima *focaliza e estuda no seu ultimo romance, que tem aquelle nome. Uma mulher como as outras..., dirão. Não: uma mulher que tem, de facto, muito das outras, mas que se differencia das demais porque o romancista lhe empresta uma expressão propria, pessoal, toda sua, accentuadamente marcante do interessante complexo feminino que movimenta a sua obra.*

Trabalhando victoriosamente o romance psychologico, genero delicado, difficil, em que o expressionismo das attitudes, dos gestos, das palavras, dos actos, exige apurado "senso de limite", cuidados de observação, proporção de contrastes, para que se não quebre a harmonia da obra, Veiga Lima deu-nos com Maria Eleonora *um livro realmente encantador. Bem feito, bem estilisado, cheio de alma e de coração.*

MAX LIN...

O illustre escriptor francez Luc Durtain na Academia Brasileira de Letras, após a conferencia que alli realizou, na semana passada, sobre a poesia franceza contemporanea. Ladeando o autor de «Le captain O. K.», vêem-se no grupo os academicos Fernando Magalhães, Gustavo Barroso, Affonso Celso, Olegario Mariano e Filinto de Almeida.

Amargura

São 15.45. Que fará você a estas horas?

Aqui—tudo sombrio!.. Sinto uma saudade infinita de você... de você, quando me olha com seus olhos doces e húmidos com um beijo de luz!

Si eu pudesse rodar todos os ponteiros dos relogios, faria com que fossem 21 horas para estar junto a você, bem pertinho de você, alimentando a illusão de que você já é minha!

Você estará pensando em mim? Talvez... Não sei. Talvez pensasse antes; talvez esteja ainda pensando. Sei que o pensamento vence todas as distancias. Elle se alonga como si fôra o braço caricioso da Saudade...

*

Hontem perguntaram-me si eu era ciumento. Nada respondi. Disseram-me que não era. Hoje, tenho inveja de quanto, neste momento em que penso em você, está em seu redor...

.... Si eu estivesse pertinho de você...

PAULA CHAVES

Sir William Henry Bragg, reputado scientista inglez que ora nos visita, realizou, no salão nobre da Escola Polytechnica, a primeira conferencia da série patrocinada pelo Ministerio da Educação e Saúde Publica, discorrendo sobre «A estructura dos crystaes como é revelada pelos raios X.» O conferencista apparece, na gravura, ao lado do professor Fernando Magalhães, reitor da Universidade do Rio de Janeiro.

TREPIDAÇÕES

FOI um chá demorado, cheio de encanto.

Estavam alheios ao que se passava em torno, estavam cegos, surdos. Só não estavam mudos porque falaram durante duas horas seguidas, segundo a informação que tivémos do *garçon*. Por signal que este estava brabo, por causa da gorgeta.

— Imagine, moço, dizia-nos o *garçon*, — que cada freguez tomasse conta da mesa pelo tempo que aqui esteve aquelle casal, e no fim cahisse no pires uma pratinha de mil reis! Era melhor a gente ir para a rua pedir esmolas; rendia mais.

"Quando o freguez se serve e sáe, entra outro, o movimento é normal, sempre rende alguma coisa, pinga daqui e dali. Mas, o casal feliz, quando apparecia, era para boquejar horas seguidas...

"Depois, os dois *pombinhos* partiam com as caras mais innocentes deste mundo.

"O outro dia, porem, houve uma pequena novidade á sahida. Estava á porta um cavalheiro que devia ter alguma escripta com a pequena.

"A encrenca foi feia e teria sido peor si não surgisse um guarda-civil, providencial...

"Mas, foi uma felicidade, — accrescentou o garçon philosopho, — porque o casal não voltou.

"Estou livre de alugar a mesinha de chá durante duas horas, por uma prata de mil reis, concluiu com alegria".

Realmente...

O automovel novo, de côr clara, metaes brilhantes, só por si chama a attenção do publico.

Quando, porém, transita pelas nossas avenidas com uma figurinha bonita ao lado do *chauffeur* amador, então desperta curiosidade, quasi diriamos sensação.

O dono do elegante vehiculo tem, entretanto, extravagancias dignas de registro. A's vezes dá para estacionar o carro em logares improprios, podendo até a imprudencia causar serios transtornos ao transito geral. O outro dia, lá estava o automovel, contramão, mettido no tunnel que nos leva ao bairro chic, marginado pela mais bella praia do mundo, e, na calçada, em confabulação amavel com o *chauffeur*, uma garota alinhada...

Os passageiros dos bondes voltaram a cabeça para o reconhecimento necessario, mas a silhueta feminina estava bem protegida da curiosidade alheia, occulta atraz da capota do automovel.

Apenas se podia divisar um *tailleur* azul e uma boina encarnada. Nada mais.

Nem eram precisos maiores detalhes para se adivinhar o resto...

Tinham vindo de um passeio agradavel, e, no instante da separação, faziam projectos de um novo encontro.

Um facto banalissimo, que não merecia commentarios, si o lugar escolhido para a despedida fosse outro... menos escuro...

PROCOPIO DE NOVO NO RIO

Procopio Ferreira, o principe dos comicos brasileiros, e a quem o nosso publico não sabe regatear applausos, estreou no theatro Alhambra, com «Feitiço», de Oduvaldo Vianna, obtendo, numa casa magnifica, o successo que sempre a sua personalidade alcança. E' escusado dizer que o grande actor patricio conseguiu o melhor partido da linda peça brasileira, agradando immensamente, no papel de «Dagoberto», á fina platéa que enchia o Alhambra, na noite da estréa de Procopio, e que lhe testemunhou as mais vivas provas de sympathia e apreço. «Feitiço» continúa no cartaz, o que significa que está ainda alcançando successo e agradando.

❀ ❀ ❀

MADAME, todas as tardes, vae ao cinema, mas não para apreciar o que se passa na téla. O divertimento de *madame* é outro.

Tanto assim que, quando não está o rapaz de olhos claros, ella não acha graça na fita e abandona a sala, desolada, passando a procurál-o por todas as casas de chá. Naturalmente, roida pelo ciume, a dama suppõe que a ausencia do rapaz só se justifica pelo facto de alguma trahição amorosa...

Elle não póde faltar porque esteja preso ao trabalho. *Madame* seisma, perde o controle dos nervos e faz uma serie de tolices improprias para uma creatura da sua idade.

O outro dia, depois de pesquizar varios pontos onde o moço poderia ser encontrado, tudo em pura perda, *madame* teve um gesto deselegante. Entrou em um bar, fez servir *whisky* por duas vezes, tomou o arminho, o *baton de levre*, recompoz o rosto e sahiu, alcançando o primeiro *taxi* que encontrou á porta.

Esquisito! Será que *madame* vae dar-se ao vicio da embriaguez, por motivo tão futil?...

Foi um brilhante acontecimento de arte e mundanismo a inauguração da exposição de quadros do illustre pintor Candido Portinari, que desde sabbado ultimo se acha aberta ao publico do Rio de Janeiro, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel.

O AMOR

Ha mulheres que, como não encontram quem as ame, por serem incapazes de inspirar um sentimento sério, vivem do prazer perverso de lançar a discordia entre os amores das outras. E' a inveja que não supporta a felicidade alheia.

Ford

DA LIBERDADE

Queremos ser completamente livres pelo pensamento e pelas acções o que a força da lei e o poder da força não nos permittem. A liberdade está na razão directa da civilização: quanto mais educado fôr o homem, tanto mais satisfação terá que prestar a outros homens...

Grande conquista da humanidade, sob o ponto de vista politico, nem todos procuram os meios mais seguros de conseguir a liberdade, da mesma fórma que aquelles que a possuem não sabem avaliar o seu valor, conservando-a. E' como todas as coisas apreciaveis: comprehendemol-as quando não mais as podemos reter.

Regosijemo-nos, ao menos, com o primeiro acto que livremente praticamos: — chorar ao entrar no mundo, sem ainda o conhecer.

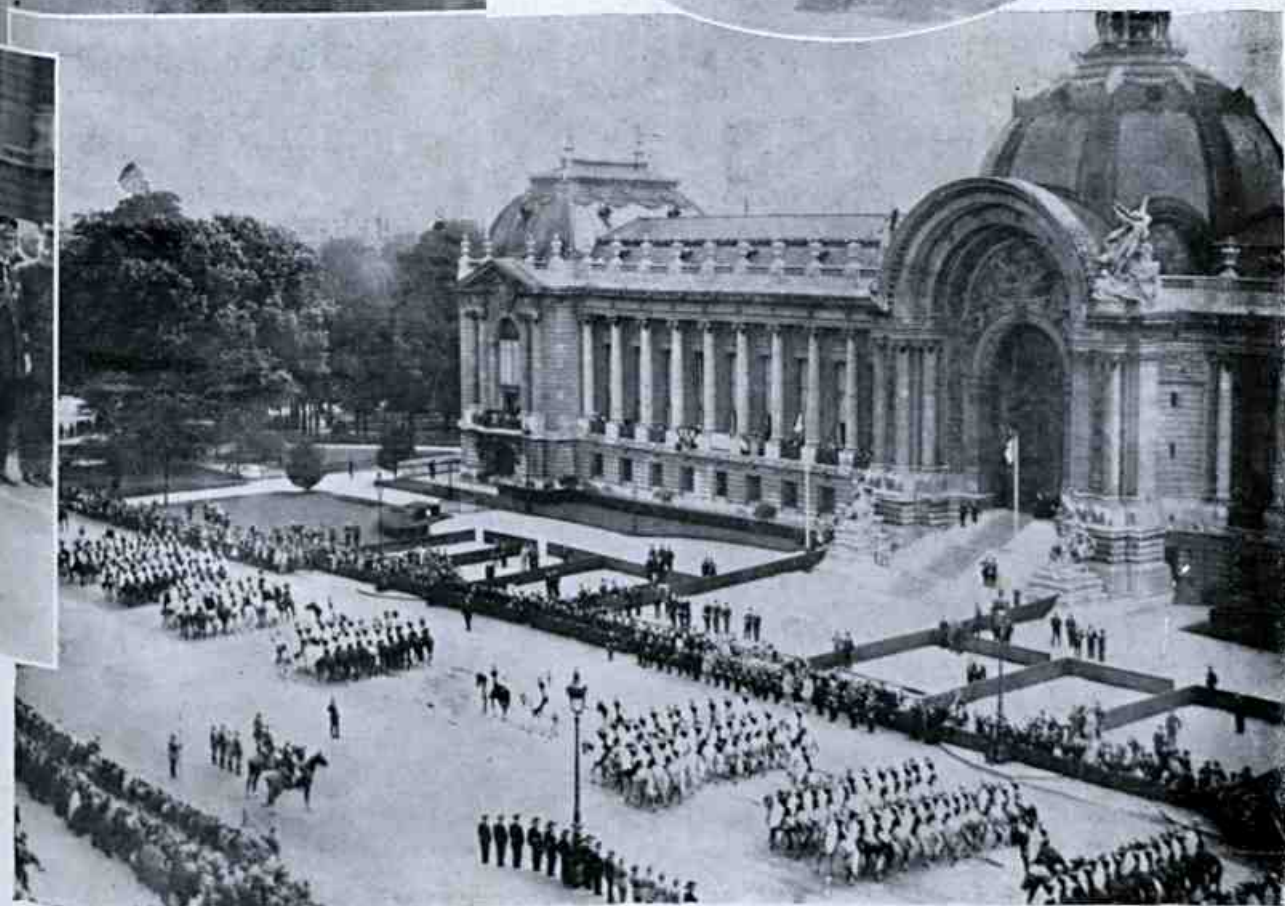
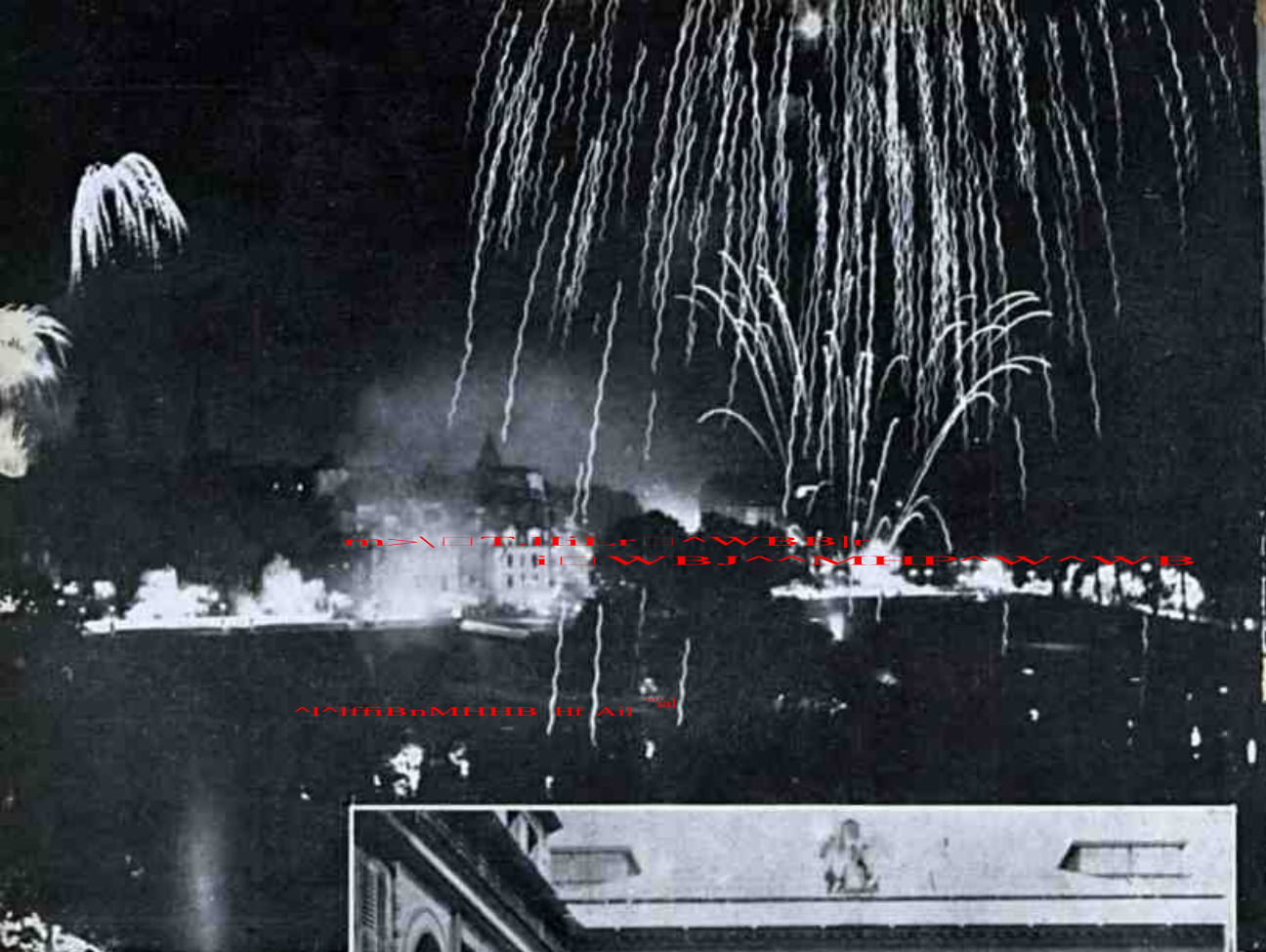
ALEXANDRE PASSOS

O professor Marion por occasião de sua visita ao Hospital São João Baptista da Lagôa. Vêem-se, no grupo, além do eminente urologista francez, os professores Octavio Ayres e Estellita Lins e os drs. Jayme Poggi, Murillo Fontes, Mario Fonseca, Osorio Mascarenhas, Amarilio Sucena e Arandy Miranda e outros medicos brasileiros.

As commemorações de 14 de julho revestiram-se, este anno, de grande imponência em Paris, onde a data nacional franceza é sempre festejada com as mais brilhantes solennidades. A principal cerimonia commemorativa do anniversario da tomada da Bastilha na capital de França foi, no emtanto, a formatura militar que alli se realizou naquelle dia, com a assistência do presidente da Republica e de outras altas autoridades. As photographias desta pagina focalizam: o desfile das tropas deante

A data de 14 de julho em Paris

do Grand Palais e pela ponte Alexandre III; o presidente Lebrun assistindo á parada, em companhia dos srs. Herriot, presidente do Conselho, Jeanneney, Paul Boncour, Buisson e Leygues, do príncipe Chigi, grão-mestre da Ordem de Malta, e do marechal Petain; e s. ex. no momento em que collocava a medalha militar ao peito do almirante Le Bris.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

Além das commemorações officiaes, realizam-se em Paris grandes festas populares em homenagem á data de 14 de julho. O povo dança em plena rua, durante tres dias, ao som de orchestras publicas contractadas pelos cafés parisienses. E, á noite, em diversos pontos da metropole franceza, queimam-se fogos de artificios para a multidão que solemniza o anniversario da liberdade. Offerecemos, nesta pagina, dois aspectos dos festejos populares do ultimo 14 de julho, naquella capital. O de cima foi tomado na Pont Neuf, e o outro na praça da Bolsa.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON Em Paris).

HELENA-MARIA é uma joven escriptora de Minas que só agora começa a apparecer no nosso mundo literario com os seus lindos poemas em prosa, onde o espirito desabrocha em mysticismo suaves e o coração floresce em harmonias transfiguradoras. Sua arte é simples e tranquilla, subtil e fascinante como uma réstea de luar.

Helena-Maria vae publicar, dentro em breve, o seu primeiro livro, intitulado *Hora Azul*, e que revelará mais uma sensibilidade artistica nas letras femininas do Brasil de hoje.

VELHAS CARTAS

ABRINDO a caixa de cartas antigas, no intuito de inutilizal-as, senti um desejo irresistivel de relêl-as.

Folheei-as todas e, em cada folha, fui encontrando uma surpresa.

Velhas cartas.

Sinto, ao lêl-as, a mesma impressão bôa ha tempos já sentida; sinto bater-me o coração como si fossem ellas, novas cartas febrilmente amadas.

Não posso rasgál-as; são tão bôas, tão cheias de affecto e de sonho, que as desejo todas, que as desejo como reliquia do passado. Não posso rasgal-as, não posso...

Velhas cartas...

São pedaços de minha mocidade, são palavras de carinho de um noivado, são farrapos de ligeiros amores que tive e que se fôram.

Velhas cartas..., falando de amor, de um grande e tumultuoso amor que viveu em dias dolorosos, viveu horas de loucura e encantamento no aconchego suave das noites enluaradas.

Cartas azues... côr de céo e côr de sonhos... Cartas rosas, brancas e violêtas, como os anseios crepusculares das tardes tristes.

Cartas pardas e cinzentas, côr da mágoa e nostalgia; cartas lilazes, côr dolorosa de quem ama e côr da tristeza romantica que nos envolve em meditações de saudade.

Guardae como eu as velhas cartas...

Guardae-as, que são paginas relidas, mas trazem, commovidas, restos d'alma e pedaços do coração.

(Especial para "Fon-Fon").

HELENA-MARIA

PRECOCIDADE INFANTIL

A menina de seis annos pergunta á mãe:

— Mamãe, disseste-me uma vez que eu tinha vindo de Paris. E' verdade?

— E', meu amor.

— E Luizinho tambem veiu de lá?

— Não. Veiu de Nova York.

— E Carlinhos.

— Ah! Carlinhos foi encommendado em Roma.

— E o caçulinha?

— O caçulinha é de Madrid

A menina de seis annos fica pensativa. A mãe indaga:

— Em que pensas, filhinha?

— Que você e papae não são patriotas...

— Por que?

— Porque não protegem a industria nacional...

O dr. Annibal Bomfim, nosso confrade de imprensa e figura muito estimada nos meios jornalisticos desta capital, foi, no ultimo domingo, homenageado por um grupo de collegas, que lhe offereceram um almoço para festejar o anniversario natalicio desse technico de publicidade, cujos meritos, nesse sentido, todos nós reconhecemos.

BEIJO

Beijo! Tu tens em ti toda a ansia do Universo!
E's genese de vida, o proprio amor asperso
em pedaços subtis, em gottas pelo mundo!...
E's alma e phantasia no erotismo profundo
que dimana da Terra! E's força omnipotente!

Beijo! Retaliação de labios, louca, ardente,
que se amordaçam hostis, premidos, esmagados,
na selvagem torsão dos élos apertados,
da volupia que ferve e em febre se dilata,
do delirio que escalda, enlouquece e arrebata!

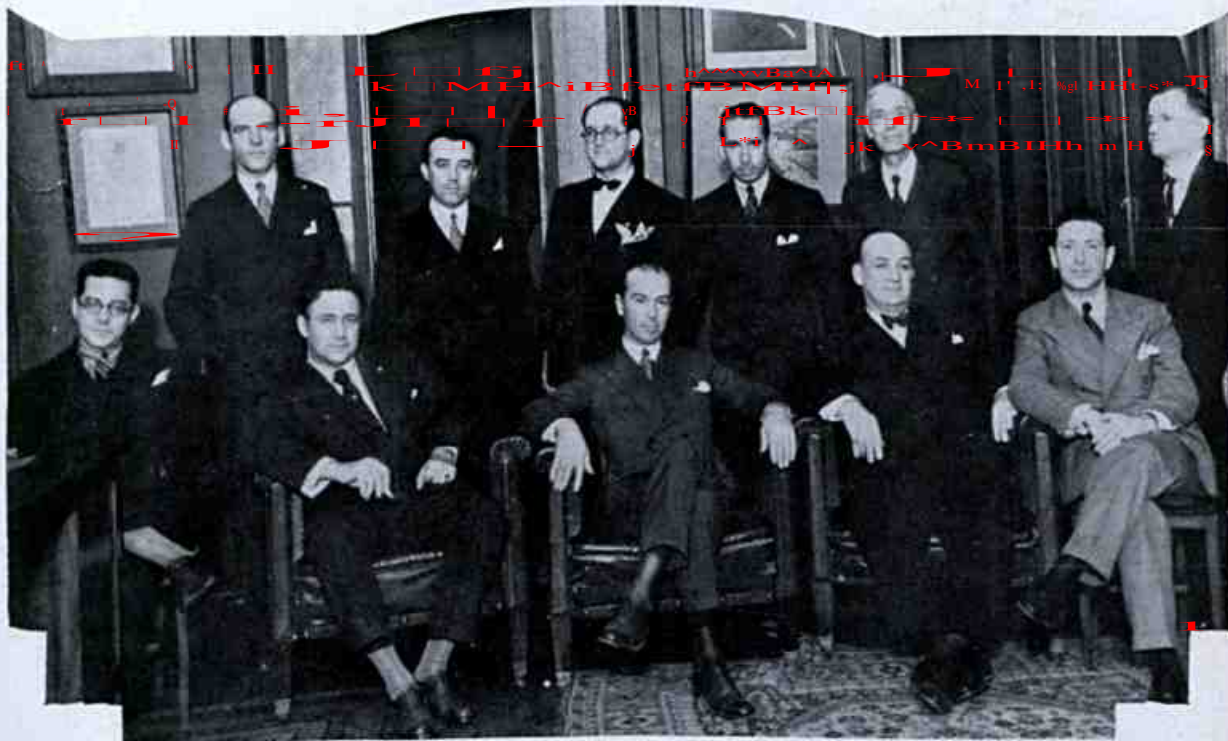
Amo-te o beijo assim, em arroubada moldura,
transporte, e enlevo, e ardor, e syncope, e loucura!

Beijo! Dulçor do céo no inferno do desejo!
Amo-te assim tambem, num delicioso adejo,
num leve rociar que nunca se precisa,
longo, doce, macio, que em horas se eterniza!

Beijo! E's poema eterno, a estrada que conduz
ao "hyper" da paixão, em scentelhas de luz!
Do extase és força viva, és o maná bemdito,
és perfume do amor, parcella do infinito!

Beijo! Fibras e plasma em sonhos diluindo...
Quero um beijo lethal, violento, humido, infindo...

Iná Pontes de Carvalho

A Federação de Tennis do Rio de Janeiro commemorou festivamente o primeiro anniversario de sua fundação, realizando, no salão nobre do Tijuca Tennis Club, uma brilhante solennidade, de que offerecemos dois aspectos photographicos no «cliché» acima.

A nova directoria do Instituto Central dos Architectos recentemente eleita em assembléa geral daquella sociedade de classe, e que foi empossada a 12 do corrente.

Caverna de Ali Babá

João Francisco, ou, simplesmente, o «Nequinho» da intimidade paterna, é o lindo primogenito do escriptor Albertus de Carvalho e de sua exma. esposa d. Zizinha Peixoto de Carvalho. Tem apenas um anno e já sabe fazer «pôse» séria...

A ARVORE DO MANNA'

Ha uma arvore que produz o manná. Talvez o mesmo manná celebrizado pela Biblia. E' o fraxinus-ornus, que vive na Italia, no sul da Allemanha e no Oriente.

Supporta bem os invernos da Europa Central. E o seu manná se obtem, praticando incisões na parte inferior do tronco, sobre o terço da sua circumferencia, sem offender o cerne. Taes incisões determinam a sahida dum succo ou resina, que se coagula ao contacto do ar, tornando-se, assim, no manná que se deseja.

Começa-se a explorar essa curiosa arvore quando está com oito ou nove annos e o córte deve ser feito em sentido transversal com um instrumento de lamina curva, sendo reaberto diariamente, entre os mezes de julho e outubro. Sae por ahi o succo espesso, ao principio acinzentado, que se vae descolorindo á proporção que sécca. A quantidade do mesmo augmenta com a temperatura. Deve ser coagulado sobre palhas ou pequenas hastes de madeira que se collocam debaixo dos talhos. Na falta dessas palhas ou hastes, a coagulação se faz sobre a propria casca da arvore.

O succo mais puro é obtido de julho a agosto e constitue o manná-lagrima, cuja côr é o branco puro.

O que se obtem depois sécca mais lentamente e adquire tonalidade mais escura. E' menos puro, de inferior qualidade.

Assim, o manná da Biblia cahia do céu e o manná de nossos dias brota da propria terra.

Um idyllio á 1932... Protagonistas: a menina Rayla, filhinha do sr. Antonio Gomes e de d. Morgama Guida Gomes, e seu collega Savio Luiz, filhinho do dr. Luiz Octavio Demaria e de d. Mariquita Assumpção Demaria.

FARRAPOS

A solidão da alma depende tão somente de nós. Podemos viver isolados no meio da maior actividade e do maior tumulto, guardando comnosco toda a nossa vida interior.

•

Um verdadeiro amigo é o maior presente do destino. Um verdadeiro amigo é como a Phenix da fabula ou como a flôr do Lotus, que, em cem annos, floresce apenas uma vez.

•

Aquillo a que chamamos espirito é, na maioria dos casos, apenas malicia.

Plinio diz que a crença na immortalidade da alma é o resultado das illusões duma natureza que ardentemente deseja nunca mais se acabar. Terá razão?

•

A maior de todas as coragens é a de assumir responsabilidades.

•

Em arte, deve-se sempre preferir descobrir a verificar.

•

As grandes manifestações artisticas sahiram da natureza ou nella se enxertaram.

•

O poder não póde o que pensa poder...

•

Triste do povo que ignora o que foi, despreza o que é e não sabe o que será.

•

O suicidio é preferivel á escravidão, tanto para os povos como para os individuos.

Sésamo

Ferdinando, filhinho do dr. Milton F. Mendes e de d. Diva Bertha Mendes, no dia de sua primeira communhão.

FON-FON no cinema

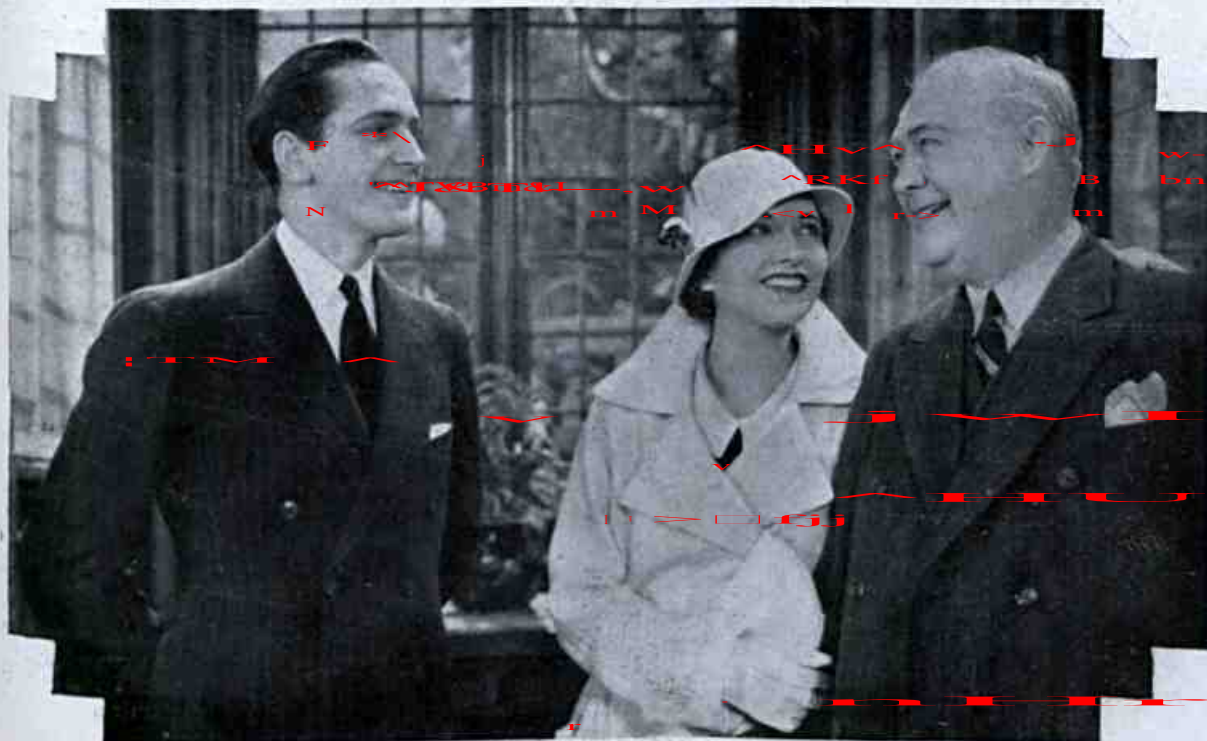
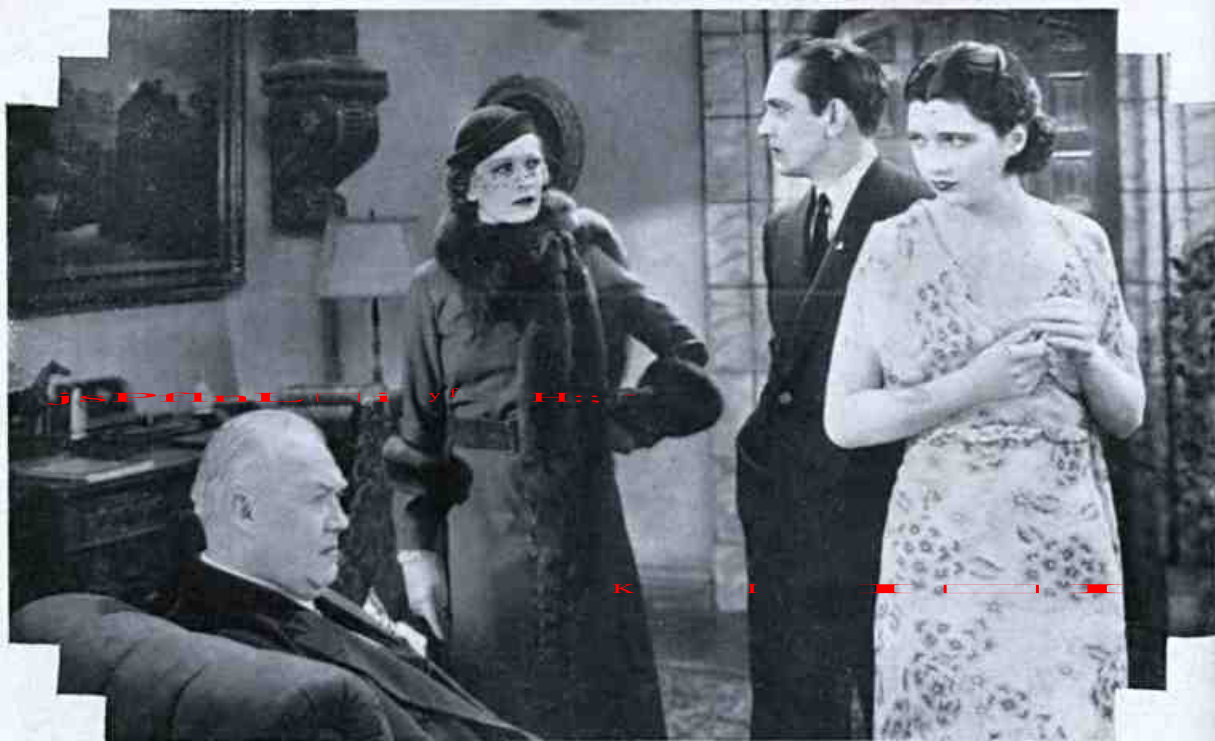
A volta do desherdado

Da Paramount

com Frederic March
e
Kay Francis

O joven Arthur Drake dispõe de todos os elementos para ser feliz. Rico, nenhum conforto lhe falta, e todos quantos o rodeiam, até o ultimo dos seus criados, estão constantemente alerta, de sorte a se poderem antecipar ao minimo dos seus desejos.

Entretanto, elle nunca está contente. Para melhor dizer, sente-se profundamente infeliz. Uma molestia cardiaca o traz em continuas apprehensões e o obriga a viver, a toda a hora, entre os remedios e o medico. Tortura-o além disso o remorso de haver causado graves prejuizos a duas pessôas merecedoras de serem tratadas de modo bem diverso. Accresce que o seu apego ao dinheiro, em vez de o tornar senhor da sua riqueza, escravizal-o á sua propria fortuna. E como se tudo isto não bastasse os estudos e investigações a que elle se tem dedicado no intuito de publicar uma obra notavel sobre egyptologia, longe de lhe proporcionar a almejada distracção, tornaram-se numa nova causa de preoccupações que aggravam a sua mysanthropia.

Ella estava surprehendida com a transformação do seu chefe.

Felizes!

Ia conhecer-se a verdade.

Ora, Arthur Drake tem um irmão gemeo, Buddy, que é todo o reverso da medalha: despreoccupado, amigo de tirar da vida o que de melhor ella possa offerecer, *globe-trotter* incançavel, bohemio. Esse irmão, que ha doze annos abandonou o tecto paterno, a elle regressa agora, acossado pela adversidade. Acompanha-o um intimo amigo, Stan Keeney, que com elle partilhou mais de uma aventura.

Ao contrario do que suppõe o irmão prodigo, Arthur recebe-o muito bem e mostra-se disposto a fornecer-lhe o dinheiro de que carece. Ora, isso, se por um lado lhe dá satisfação, por outro lhe infunde a suspeita de que essa generosidade, partindo de quem nunca peccou por liberal, apenas disfarce o desejo de afastal-o quanto antes. Dando voltas a essa idéa no seu espirito, Buddy recorda que as cartas que seu pae lhe escreveu, pouco antes de morrer, estavam concebidas em termos indulgentes, affectuosos mesmo, o que não se conciliava por fórma alguma com a severidade demonstrada pelo ancião, desherdando-o em testamento. Seria possivel, pensava o prodigo, que esse testamento tivesse sido uma falsificação?

As explicações que essa suspeita provoca entre os dois irmãos tem um desenlace tão inesperado como tragico: o mysanthropo cáe fulminado por um ataque de coração.

Era preciso fugir.

Sem dar ouvidos ao seu amigo, que opina que o melhor que elle tem a fazer é afastar-se dali quanto antes levando quanto dinheiro possa encontrar á mão, o prodigo rapidamente troca a sua roupa pela do morto, resolvido a pôr em pratica o plano que lhe acaba de occorrer: fazer-se passar aos olhos de todos pelo irmão que acaba de finar-se. Uma substituição audaz, mas não irrealizavel, graças á qual elle poderá averiguar o que ha de certo nas suas suspeitas.

Que eram estas ainda mais fundadas do que presumira, apura-o

(Conclúe na pag. 45).

Só o amôr dá a felicidade.

O MEU ULTIMO AMOR

Da Fox-Film

com JOSÉ MOJICA

ERA Suzana Weldon uma dama altiva mercê da nobreza da sua raça e da fortuna que ella esbanja loucamente. De modo que um dia a necessidade entrou no seu palacio, senão arruinando-a por completo, ao menos dando-lhe apenas a mediania, que é doloroso estado para quem teve sempre o orgulho do ouro. Em frente de tão perigosa situação, madame Weldon exerce toda a sua influencia para que sua sobrinha Diana case com o multi-millionario Lord Harry Conyers, a quem ella não ama, para que o dinheiro do marido venha dourar de novo o brazão escurecido da vaidosa senhora.

Diana ama, é claro que não ama o Lord. Repelle por conseguinte a proposta da tia, mas, como tem um bom coração, acaba por se convencer de que é preciso sacrificar-se pela felicidade do lar. E' certo que ella ama alguem. Esse alguem é um moço mexicano chamado Fernando. O amôr que liga os dois jovens é profundo, mas Diana cerra os ouvidos

O mexicano era para ella o homem ideal.

á alma para realizar o sacrificio por sua tia.

A sua confidente e amiga, Betsy, vem no conhecimento da situação pelas confidencias da propria Diana. Querendo a felicidade da sua amiga e convencida de que essa felicidade consistia na satisfação do amôr, communica a Fernando a angustia de que se achava possuida a sua amiga e do perigo que corria o seu amôr. Fernando dissimula e pede a Diana que o acompanhe num passeio pela montanha, o que ella acceita.

Cáe a noite. São obrigados a tomar aposentos em um hotel, onde Fernando trata a sua amada com toda a gentileza e galhardia. Uma confissão porém lhe faz que a deixa commovida: elles irão no dia seguinte á casa de sua avó para que a bondosa velhinha lhes abençõe o proximo enlace. Fernando fala-lhe como se desconhecesse o que se passava com o projecto de casamento com Lord Harry. A avó de Fernando recebe-os com o maior carinho, dizendo-lhe quanto a enche de alegria a felicidade de seu neto, esperando que Diana o fará tambem feliz.

Travava-se desde então uma lucta no coração de Diana. Onde estará a felicidade verdadeira? Na riqueza de Harry ou no amôr daquella gente simples que é a familia do seu amado?... Com esta duvida no coração, Diana vae-se deixando levar pelos enleios da sua vida de sociedade convencida que conseguirá um dia esquecer-se de Fernando.

O palacio Weldon está vivendo um dos seus grandes dias. O luxo das toilettes é estupendo. A decoração do palacio parece um sonho das mil e uma noites. Só no meio daquelle luxo e riqueza, que é o casamento de Diana, só uma alma triste: é a da noiva. Diana parece uma victima que vae para o sacrificio. A imagem de Fernando não lhe sáe da memoria. A lucta dentro da sua alma é enorme. Uma hora antes da cerimonia, ella deixa-se vencer. Não resiste. Foge do palacio e vae em busca de Fernando. Quando elle a recebe em seus braços, Diana confessa-lhe que foi uma covarde. Fernando perdôa-lhe. Casam. E de sua viagem de nupcias é um poema de ventura, uma epopéa de felicidade.

No seio da sua nova familia.

A encantadora avó do seu Fernando.

Um espirito agil e dynamico

(Commentarios em torno de um grande livro e de uma grande cruzada.)

O sonho fez a gloria de Quixote e a sabedoria de Gulliver. Porque o sonho é a graça da vida e o perfume das idéas. Neste mundo de Sanchos, ser Quixote — é ter uma auréola. Em Liliput, ser Gulliver — é ter no espirito dimensões desproporcionadas com o Espaço e o Tempo.

Amo os que fogem ás medidas communs. Os que ficam, em estatura, mais altos que os outros homens. Mais altos no sonho, que é como quem diz, mais altos no espirito.

No nosso século, século de Einstein e de Freud, século da Psycoanalyse e da Relatividade, o sonho é mais que sonho, porque é movimento e dimensão dos cerebros.

A Estatica e a Dynamica são symbolos tambem do espirito. Ha uma Physica e uma Mecanica das almas. Ha, por isso, os homens moveis e os homens immoveis. Uns, como os ventos, viajam no infinito. Outros, como os charcos, estagnam-se, são como os paludes e as aguas mortas. E da morte, que ha de vir, senão a morte? Ha, pois, na geographia humana, homens-rios e homens-lodos. No mysterio eterno do movimento, quem pára, cessou em si todas as leis, expulsou-se a si proprio da vida, que é evolução.

Christovam de Camargo, no seu novo livro, *O Grave Problema da Instrucção Popular no Brasil*, mostra-se um espirito agil e dynamico, vem como um mestre de enthusiasmo, como um professor de coragem. Accende a sua flammula alta, no alto. Seu grito de ideal acordará os brasileiros, como soldados que dormem nas tendas. Soldados que dormem, esquecidos. Estamos no amanhecer da patria nova. As alvoradas das grandes patrias são vermelhas e tremulantes de pendões e de lanças, e cheias de rumor e combate.

Nós, brasileiros, devemos attentar no perigo do marasmo. Ameaçam-nos, de todos os lados, os homens-estagnação, os pessimistas, os melancolicos, os desanimados. Envolve-nos uma noite quasi medieval de desalento. Precisamos sacudir a nossa noite, a nossa melancolia, o pó das nossas armas. Nenhum povo tem, como nós, necessidade de despertar nesta ante-manhã das nações jovens, para a cruzada da civilização e da cultura universal.

No fundo da nossa alma de Brasileiros dormem florestas densas e ha em nosso coração zonas selvagens e idades prehistoricas. Ha nos nossos sertões melancolicos séculos de atrazo e brasileiros, muitos brasileiros vivem ainda numa éra como a que precedeu a do Descobrimento e a das Bandeiras. Brasileiros e brasileiros ainda não possuem cérebro, mas apenas o braço rude, mas apenas a pedra e a funda. Indo não muito longe, Brasil a dentro, estamos ante as cavernas prehistoricas, ante seres primitivos, que recuaram no tempo, como um recuo da Especie na noite. Precisamos dessertanizar os nossos sertões, desselvajar os nossos selvagens, levar o pão da intelligencia a milhões de bôccas que gemem com a mais triste de todas as fomes, a fome do espirito.

O livro de Christovam de Camargo vem flammejando desse idealismo e préga a mais alta cruzada que póde agitar o Brasil contra o analphabetismo florestal que o alastra, collocando-o na rectaguarda dos povos que respiram neste cultissimo século do radio, do aéroplano e da electricidade.

O Brasil não é um deserto. As suas forças moraes são immensas. Eis por que eu creio nos homens que o procuram agitar na sua marcha para o Futuro.

Agitando-o, acordaremos essas forças moraes. O Brasil, o verdadeiro Brasil, que dorme no subconsciente da nossa raça, se acha em germinação, como as florestas de arranhacéus e de fabricas que estão surgindo do nosso solo aspero. E é nessa germinação que está toda a immensidade do seu povo de amanhã...

T H O M Á S M U R A T

Escriptores e livros

Paul Géraldy — EU E VOCÊ — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

TOI ET MOI, de Géraldy, fez época, celebrizando o nome do poeta francez. Geraldy foi lido e imitado. No Brasil, temos uma porção de Geraldys, que banalizaram o modelo, pela falta de intelligencia e sentimento. Uma lastima!

Pela mesma razão, seria uma coisa tremenda, si qualquer poetastro aventurasse a versão do verso de Geraldy para o portuguez. Felizmente, dessa empreza se encarregou Guilherme de Almeida, artista tambem, poeta dos maiores da nossa geração. Vale a pena reproduzir as palavras que o poeta paulista dirige aos leitores abrindo o volume. "O *Toi et Moi*, de Paul Géraldy, é, todo elle, um "tête-a-tête", uma conversa intima de namorados falada e escripta, em verso-livre, na lingua mais propria para a familiaridade amorosa: em francez. Mais do que isso: em "parisiense"...

"Ahi estão, ligeiramente enunciadas, todas as asperas difficuldades para uma versão disso em portuguez: nesta nossa tão séria lingua em que não se escreve como se fala, lingua de grave belleza que, por isso mesmo, não offerece aos tons da intimidade carinhosa sinão, a cada esquina, ladeiras traiçoeiras a escorregarem facilmente para os ridiculos lamentaveis. E, a par dessa, de linguagem, a difficuldade maxima: a da fórma poetica, isto é, a do verso-livre, adoptada pelo poeta francez.

"O verso regular é um molde, uma fórma já existente, que basta encher: elle é anterior á idéa, e é, por isso, relativamente facil imital-o. Mas o verso livre, não. O verso livre é pura criação personalissima, simples fixação de um pensamento que já appareceu com uma harmonia innata; é, sempre um "impromptu": nasce simultaneamente com a idéa, e vae com ella, e morre onde ella morrer.

"Ora, traduzir versos-livres no mesmo numero e na mesma medida e no mesmo rythmo e com as mesmas rimas e na mesma "maneira" do original, já não é "reproduzir".

"Reproduzir, num sentido authentico, total e superior da expressão; quer dizer: produzir de novo. Ou seja: sentir, pensar e dizer como o autor e com o autor. Este meu trabalho é isto, pois: uma tentativa de reproducção na lingua que falo e escrevo, do livro de Géraldy. Reproducção que eu quiz fosse exacta, até mesmo materialmente: pagina a pagina, verso a verso, rima a rima.

"Confrontem-se os dois textos.

"A paginação é identica. Não ha linhas a mais ou a menos. Não ha versos maiores ou menores (salvo, talvez, uma unica excepção em todos os 31 poemas do livro). Não ha quasi rimas alteradas, accrescentadas ou supprimidas: mantive-as, quanto possivel, nos mesmos logares e quasi sempre equivalentes ás do original, tanto no som como na especie e até mesmo nas imperfeições propositaes. (Imperfeições, sim. Géraldy não observa, por exemplo, as symetrias classicas francezas das rimas agudas e graves alternadas, nem respeita as correspondencias de numero e genero, nem procura as riquezas rigoristas das consoantes de apoio, preferindo até, de proposito, para maior naturalidade, a rima pobre: a mais pobre e mais simples sempre)."

Termina, Guilherme:

"Terá qualquer valor este meu trabalho? — Um unico: o de haver conservado, talvez, da "amourette" poetica do homem de Paris uma ou outra belleza, que não é minha."

As palavras do traductor dizem tudo o que é necessario para a perfeita comprehensão do trabalho.

As difficuldades foram contornadas, e Guilherme de Almeida apresenta-nos uma obra encantadora, com o sabor das coisas novas.

Por vezes, o traductor é até mais doce no torneio da phrase, mais feliz no *sentido* do verso.

Aqui está um exemplo, em Confissão.

Eu bem sei que, ciumento, exigente, impulsivo,
irritado, infeliz, por coisas tão banaes,
eu vivo a provocar discussões sem motivo...
Mas eu amo tão mal porque eu amo demais.

E atormento você, e persigo... Você havia
de ser melhor amada e mais feliz tambem,
si não fosse você a minha unica alegria,
e si este amor não fosse o meu unico bem.

Ah! mas eu teria de reproduzir o livro todo, si fosse apontar os primores da arte de Guilherme, que tão bem soube encontrar e comprehender a obra encantadora de Géraldy. Guardem para as horas de sonho e de belleza, esta joia sahida das mãos de Guilherme de Almeida, expressão da alma emotiva de S. Paulo.

Oliveira e Silva — GOTTA D'AGUA — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1932 — 4$

UM livro delicioso. Pequenos poemas em prosa, ferindo themas varios. Reflexões philosophicas, critica, affirmação da arte encantadora de Oliveira e Silva, espirito fidalgo de poeta e prosador. Destacamos algumas das suas pinceladas. *Posse*: "O que domina o amor é a posse — entreacto brilhante. Depois, não raro, a melancolia de a repetirmos por um sentimento de dever ..." *Razão*. "Machado de Assis tem uma pagina de amargura humoristica: a luta de dois cães disputando um osso. O romancista-philosopho accrescenta: um osso nú. Mordem-se os cães, cegos de furor e avidez, até que o mais forte leva ao fraco vencido o trophéo do triumpho. Tambem com a razão fundamental da fome, a especie se entredevora, sob o argumento de comer..."

E, ao fim do volume, o leitor lamenta apenas o numero escasso de paginas.

NOTAS DE ARTE

PERY MACHADO. — Em a noite de 9 de agosto, no Salão Leopoldo Miguez do I. N. M. perante assitencia re'ativamente numerosa, realizou-se o recital de violino de Pery Machado acompanhado ao piano pelo sr. Manoel Barreira. Foram ouvidas as seguintes peças, constitutivas do programma alem de muitos *extra*, como *A abelha* de Schubert: I) COUPERIX-KREISLER — *Chanson Louis XIII et Pavane*; PUGNANI — *Largo expressivo*; BACH — *Chaconne* (violino só); II) MAX BRUCH — *Concerto*; III) VILLA LOBOS-PERY MACHADO — *Lenda do Caboclo*; VILLA LOBOS — *Canto do Cysne Negro*; DEBUSSY *Fille aux cheveux de lin*; TSCHAIKOWSKY — *Melodia*; PADEREWSKY — *Minuetto*; WIENIAWSKY — *Scherzo e Tarantella*.

Mais uma vez foi admirado e applaudido o raro talento do violinista patricio. Agradou-nos especialmente o *Largo expressivo* e o *Concerto*, entre as peças classicas e romanticas. Pery Machado executou tambem com especial brilho as peças em que Villa Lobos é original sem ser extravagante: *Lenda do Caboclo* e *Canto do Cysne Negro*.

Technicos talvez lhe façam restricções sobre a technica, mas os que, como nós, apenas registram impressões só temos que assignalar o triumpho do violinista, e desejar fossem mais communicativas algumas das suas interpretações.

A assistencia palmeou-o com frenesi e calor, e o artista respondeu aos applausos interpretando varias peças extra-programma.

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — No Theatro Municipal, em a noite de 11 de agosto, realizou a O. P. R. J. o 3.º concerto de assignatura da temporada actual. Realizou-o com este programma: I) ANTON BRUCKNER — *Symphonia* n. 7, em mi maior (1.ª audição); II) FELIX MENDELSSOHN — *Abertura* da op. "Sonho de uma noite de verão", RIMSKI-KORSAKOW — *La grande Paque Russe* (1.ª audição).

Com a franqueza habitual com que registramos as nossas impressões nestas summarissimas "notas de arte" confessamos desde logo que não gostamos e o publico tambem da peça inicial a 7.ª *Symphonia* de Bruckner. Tivemos a impressão visual de uma colcha de retalhes, onde havia talvez muito retalho lindo, mas que desapparecia na fealdade do conjuncto. E' possivel que os technicos encontrem na composição do musico austriaco, coisas valiosas; é possivel que ouvidos apurados descubram-lhe bellezas; mas se realmente existem não percebeu a nossa sensibilidade. Diz-se, ou melhor, diz Riemann na sua *Historia da Musica* que Brukner foi um continuador de Liszt e Wagner. E' possivel chegar-se a essa conclusão, estudando-lhe a obra integral, mas através da 7.ª Symphonia, ouvida uma só vez, o continuador nos apparece como vulgarizador infeliz, como deturpador dos processos listzwagnerianos...

Embora nos parecesse ter sido perfeitamente executada, a *Symphonia* de Bruckner, quasi não foi applaudida pela numerosa assistencia do Municipal. Houve mesmo um dos tempos, que não recebeu absolutamente nem uma palma.

Em compensação, as peças que se lhe seguiram emocionaram intensamente o auditorio que não cessou de applaudir.

A obra de Mendelssohn foi a agua lustral com que se redimiu a nossa sensibilidade do peccado de ter ouvido a malfadada symphonia. Sonhamos sonhos lyricos ouvindo o bello poemeto do grande musico tudesco. E a *Grande Pascoa Russa* arrebatou-nos com todo o esplendor da musicalidade slava, musicalidade, de que é um dos mais lidimos representantes Rimski-Korsakov.

Assim, ao terminar o concerto todo o publico esqueceu Bruckner mas relembrou mais uma vez os grandes nomes de Mendelssohn e Rimski-Korsakov.

Burle Marx, Romeu Ghipsmann e toda a orchestra foram alvo dos mais vivos e justos applausos.

ACADEMIA BRASILEIRA DE MUSICA. — Dos mais bellos e mais app'audidos o 34.º Concerto

(Continúa na pag. seguinte)

A VOLTA DO DESHERDADO — (Conclusão)

elle logo, quando descobre que Arthur tinha uma amante, Muriel Preston, e com esta e um bando de chantagistas se dedicava a toda a especie de escuras operações.

A secretária do fallecido, Diana Merrow, se bem que nada suspeitasse da substituição, não poude deixar de surprehender-se ante a mudança do seu chefe que de avarento, descontente e irascivel que era, se tornou generoso, resignado e amavel, de improviso.

Dá isso logar a que a secretária, cujo verdadeiro proposito ao assumir o seu emprego era aclarar certo negocio que arruinára seu pae, acaba por corresponder amôr que o seu patrão lhe inspira.

Entrementes, não só os chantagistas de que já falámos, mas tambem varios detectives a quem interessa interessa investigar os escusos negocios de Drake, começam a perseguir a Buddy que por fim resolve fugir com Diana, a esse tempo sua noiva.

Após uma perseguição cheia de peripecias, entre as quaes figura a explosão do motor da lancha em que fogem os namorados, Buddy Diana são detidos.

Tudo parece indicar que o prodigo pagará na cadeia a sua substituição ao irmão morto, mas como venha a apurar, afinal, a falsificação do testamento, não só fica Buddy em liberdade como entra na posse da avultada herança que condividirá com a mulher de sua escolha.

da Ac. B. M., realizado no I. N. M. em a noite do 13 de agosto, com o concurso do quarteto de cordas formado pelos professores F. Chiaffitelli (violinista), Carlos de Almeida (violista), Erio Vincenzi (violoncellista); do pianista acompanhador, Prof. José de Souza Lima; dos solistas-pianista Charley Lachmund, violoncellista srta. Nydia Soledade e cantora, srta. Lucia Lacerda Coutinho, que executaram este programma, além de alguns *extra* executados pelos solistas: I) Debussy — *Quartetto* op. 10, *para* instrumentos de corda; Tiersot — *L'amour de moy*, Beethoven — *Plainte*, Lulli — *Revenez amour*, peças para canto; Schumann — *Scenas Infantis*, op. 15, para piano; II) Lalo — *Concerto* (1.o movimento) — para violoncello; Santoliquido — *L'assiolo canta* e *L'alba di luna*, H. Oswald — *La Morta*, F. Braga — *Prece* — para canto; C. Reinecke — *Variações sobre um conto popular hungaro* (mão esquerda só), L. Godowsky — *Berceuse* (n. 24 do "Triakontameron"). Chopin — *Scherzo*, op. 21 — para piano.

Com todas as prevenções, aliás ás mais das vezes inexplicaveis, com que se possa ouvir a Debussy, o certo é que, senão todos, os dois tempos intermedios agradaram, emocionam, e foram interpretados com brilho pelo quartetto brasileiro.

Com a costumada perfeição technica o Prof. Lachmund tocou todas as peças, mas agradou principalmente nos dois numeros das *Scenas Infantis* — *Reverie* — *Cavalleiro de pau*, onde se manifestou mais communicativa a força expressiva, e no *Scherzo* final, de Chopin.

A srta. Luiza Lacerda revelou mais uma vez as qualidades da sua voz crystalina e quente, já bastante educada para tauxiar o canto com as bellezas da meia-voz, como se viu na interpretação de *La Morta*. Se bem que tenha agradado em todos os numeros, justo é destacar-se *Reverez amour*, *L'assiolo canta* e o *extra* *Toada p'ra você*.

A srta. Nydia Soledade reappareceu-nos em todo o esplendor do seu temperamento de artista, que toca musicalizando tudo. Vêl-a e ouvil-a a tocar violoncello, é contemplal-a cantando pelas mãos que o arco empunha, e pelo rosto que na mimica da face repete as notas vibradas pelo instrumento. Esta excepcional simultaneidade dá á artista extraordinario poder communicativo. Todo o auditorio se sente empolgado e applaude com desusado enthusiasmo. Chamada varias vezes depois da bellissima interpretação do poema de Lalo, a srta. Nydia Soledade, brindou ainda a assistencia com uma

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

audição que arrancou bravos: o *Adagio* da *Sonata* de H. Oswald.

Dissemos em principio ter a joven e já notavel violoncellista "reapparecido em todo o seu esplendor" porque no ultimo concerto em que a ouvimos, tivessemos embora continuado a admirar-lhe o talento e a arte, não tivemos a impressão extraordinaria que haviamos tido ouvindo-a a primeira vez e reouvindo-a agora. Afigurou-se-nos então que, sob a direcção de novo mestre, preoccupado com a perfeição technica, se lhe impedisse a manifestação integral do extraordinario temperamento artistico. Enganámo-nos. A impressão diminuida resultou de não ter a violoncelista executado de cór as peças que nos deram essa impressão. Tocou-as preoccupada com a leitura dellas. Dahi a impossibilidade de dar toda a expressão toda a vida ás composições que executou; tanto assim que o *Adagio*, interpretado de cór na mesma occasião, nos mereceu irrestricta admiração.

E' com todo o prazer espiritual que aqui deixamos esta explicação e reconhecemos que hoje, como hontem a srta. Nydia Soledade é a mesma grande musa do violoncello, e a, manhã será talvez uma das maiores entre as grandes violoncellistas do Brasil e do mundo.

NICIA ROUBAUD. — Antiga alumna do Prof. Barroso Netto, 1.o premio do I. N. M., apresentou-se no salão Leopoldo Miguez desse I., em a noite de 7 de agosto, a pianista brasileira, srta. Nicia Roubaud, executando este programma, além dos *extra* — 3.ª *Arabesca*, de Tcherepinine e *Valsa*, de Rachmaninoff: I) Barrozo Netto — *Variações sobre um thema original* (1.ª audição); Bach—Liszt — *Fantasia e Fuga em sol menor*; II) Schumann — *Presto Passionato*; Scriabine — *Mazurkas* n. 2 e 3 (1.ª audição); Tcherepinine — 4.ª *Arabesca* (1.ª audição); Mitropoulos — *Fête Crétoise*; III) Barrozo Netto — *Scherzetto* (1.ª audição), *Preludio* n. 2 (1.ª audição), — *Galhofeira*; F. Mignone — *Cucumbyzinho* (1.ª audição); Nepomuceno — *Variações sobre um thema original*.

Causou-nos surpreza a audição da recitalista. Pensavamos antes de ouvil-a se tratava de uma cultora vulgar do instrumento de Cristoforo, a qual depois de haver obtido o cubiçado, e quasi sempre injusto, premio official, a medalha de ouro, vinha dar o seu concerto-praxe, colher palmas e flores dos parentes e amigos, e após recolher-se á vida commum dos pianistas amadores. Mas tivemos impressão totalmente diversa. A srta. Nicia Roubaud revelou-se-nos pianista, e pianista de escol. Notamo-lhe um equilibrio raro nos predicados technicos e estheticos. Toca com uma nitidez quasi excepcional, e sabe vencer gualhardamente as difficuldades de bravura, e dedilhar cantando os mais sentimentaes e lyricos trechos. Despertou enthusiasmo e admiração — quaesquer que sejam os reparos de ordem technica que se lhe possa fazer — o brilho com que executou a original e talvez estafante peça de Nepomuceno, e a sentimentalidade com que interpretou, as mazurkas de Sceriabine, fazendo sobresair toda a poesia dessas composições chopinianas.

E' de notar-se na pianista a sobriedade, a medida, na execução dos peomas sonoros. Toca como tocaria um artista grego do seculo de Pericles se nesse tempo existisse o piano. Parece-nos de uma serenidade olympica. Por isso mesmo possue o defeito dessa qualidade. Não tem a força de communicar a emoção com o gráo de que são capazes o seu talento e a sua cultura pianistica. Mas com o exercicio continuado do instrumento, com o desenvolvimento espiritual a que a sua juventude naturalmente ainda não permittiu attingir, adquirirá, certo, a srta. Nicia Roubaud o maximo gráo de força communicativa, e então será não só uma grande mas tambem uma das maiores entre as grandes pianistas brasileiras.

Oscar D'ALVA

COMO SE CHAMAVA MARK TWAIN

Não era muito conhecido nos Estados Unidos o verdadeiro nome do grande humorista. A um reporter que lhe perguntou, certa vez, como se chamava disse Mark Twain que não o sabia ao certo e, deante do espanto do jornalista, accrescentou:

— Eramos dois gemeos. Puzeram-nos ambos numa banheira: um se afogou e até agora nunca se poude saber qual dos dois foi o morto.

No emtanto, o que se salvou chama-se Samuel Langhorne Clemesns.

ORIGINALIDADE

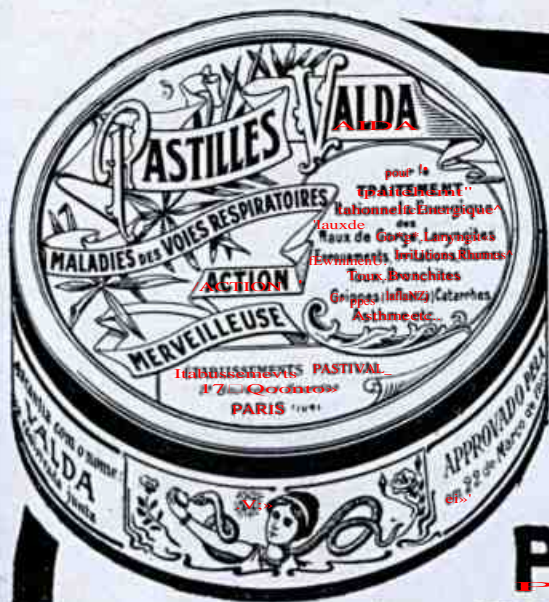
Fala-se muito de originalidade. Que porém, se quer dizer com isto? Mal começamos a viver, começa o mundo a actuar sobre nós e assim continúa até o fim.

Que podemos chamar "nosso" a não ser a nossa energia, a nossa força e vontade? Se eu pudesse enumerar tudo que devo a meus grandes antecessores e contemporaneos, pouco de mim mesmo ficaria. E não é de modo algum indifferente a especie de nossa vida em que experimentamos a influencia de alguma personalidade.

PAUL MORAND

E' um dos autores francezes contemporaneos que maior renome téem alcançado no estrangeiro. Filho de Eugenio Morand, autor dramatico e director da Escola Nacional de Artes Decorativas, nasceu em Paris, a 13 de março de 1888. Fez todos os seus estudos em França e ao deixar o lyceu esteve em Munich (1905), Edimburgo (1907) e Oxford (1909). Victorioso num concurso para vice-consules, em 1912, e no de embaixadas em 1913, foi nomeado *attaché* á embaixada de Londres. Chamado á França, ao rebentar a guerra, foi-lhe dado um cargo auxiliar e logo foi declarado incapaz, volvendo á Londres em 1916. Depois de passar alguns mezes no Quai d'Orsay, parte para a embaixada de Roma e logo a seguir para a de Madrid, sendo nomeado, em 1920, chefe de secção do Ministerio das Relações Exteriores.

Seu primeiro livro foi um volume de versos: *Lampes à arc* (1919). O segundo, tambem de poesias, appareceu em 1920: *Feuilles de température*.

Tendres stocks (1921), o primeiro livro em prosa de Paul Morand, chamou a attenção do grande publico e é conhecido o successo que obteve em 1922 com *Ouvert la nuit*. O terceiro volume de prosa foi *Fermé la nuit*, que obteve o premio "Renaissance", em 1924. O quarto livro de Morand foi *Lewis et Irène*.

O CAVALHEIRO DE ATHIS

DEPOIS da paz de Nimegre, o regimento do paiz onde o joven marquez de Langallerie occupava um posto de sub-tenente, foi mandado de guarnição a Verdum, pequena cidade que, com o correr dos seculos, haveria de adquirir grande renome. Naquella época, era conhecida especialmente pelas amaveis loucuras que os senhores officiaes commettiam com as damas do logar.

Nosso joven marquez não quiz faltar a tão agradavel costume. Num abrir e fechar de olhos, teve uma formosa creatura a quem dedicar seus pensamentos, e um rival e um duello. E, além disso, uma morte sobre sua consciencia, pois naquelle encontro matou, com todas as attenuantes da lei, o seu adversario, com uma estocada na caixa toraxica, que o extendeu no chão instantaneamente.

O tenente coronel que commandava o regimento era homem que sabia comprehender as coisas: concedeu uma licença ao sub-tenente Langallerie, o tempo necessario para que se dissipasse o escândalo. Nosso marquez empregou esse tempo, a principio, em desposar a senhorita Athis, sua amada. Depois, como bom filho, quiz mostrar sua joven esposa a seus paes. Mas, antes de chegar ao solar de Angulême, do joven marido se apoderou uma triste inquietude:

— Meu coração — disse a sua esposa, — em verdade, não sei como essa nobre gente vae acolher uma nóra inesperada.

Ella respondeu, com um sorriso delicioso:

— Ora! E' um pouco tarde para pensar nisso. Creio que me receberão muito bem.

— Isso é certo, graças a um expediente que idealizei. Calçareis minhas botas e vestireis um de meus uniformes, e eu vos apresentarei como meu melhor amigo, o cavalheiro de Athis. Quando meus senhores paes houverem saboreado vossas bôas qualidades, eu revelarei a mystificação, e elles se sentirão contentes de abrir os braços a esta formosa menina chegada até seus lares na sella de um cavalleiro.

Riram, e o marquez de Langallerie quiz proceder immediatamente ao disfarce. Apertou aqui, amarrou ali, beijou mais além... Loucuras. Doces loucuras. Não esqueçamos que estavam casados havia apenas tres dias.

* * *

O senhor de Langallerie, pae, era um bom gentilhomem, bastante astuto, retirado em seu castello desde que a gôtta maligna o fizéra renunciar a seu posto de tenente general. Caçava ás vezes, lia com mais frequencia e presumia conhecer os homens. Reconheceu immediatamente que o companheiro de seu filho era um rapaz que se achava em suas primeiras armas. Depois de duas partidas de xadrez e de uma caçada de zorro, lhe votou uma sincera amizade, deante disso, os outros fizeram outro tanto, porque se adoptava, de bom grado e por prudencia, as mesmas opiniões do dono e senhor.

Tudo, pois, no castello de Angulême, era muito agradavel para *o cavalheiro* de Athis, e o joven marquez já começava a se regosijar com o exito de seu subterfugio, quando uma prima sua, certa manhã, o deteve num corredor:

— Felippe — disse-lhe, corando, — eu me encontro numa situação de verdadeiro embaraço... Você se negaria a ajudar-me?

— Ora, por que, minha bella prima? Com muito prazer. Que posso fazer por você?

— Não me atrevo... Não sei como dizer... Emfim — concluiu, depois de uma serie de suspiros, — sinto vivo amor pelo senhor de Athis. Não lhe disse elle si reparou em mim?

De Jean Mauclere

O joven marquez de Langallerie pensou suffocar-se de riso. Mas immediatamente recuperou seu ar de seriedade, e respondeu a sua formosa prima:

— O senhor de Athis é muito discreto para essas coisas. Eu o supponho cavalheiro de Malta. Você não deve, pois, perturbál-o...

A' noite, marido e mulher riram gostosamente da aventura, no aposento que o joven marquez occupava com o cavalheiro de Athis, como era costume entre collegas de armas.

* * *

Felippe de Langallerie tinha o incidente como terminado. Mas era conhecer mal as mulheres. Ha algumas que não respeitam nem a Deus nem ao diabo — e nem mesmo a um cavalheiro de Malta — quando o fogo do amor as alcança. Na tarde seguinte, emquanto o cavalheiro de Athis procurava o taboleiro de xadrez na bibliotheca, a ardente prima se ergueu deante delle:

— Senhor — supplicou-lhe, exaltada e decidida. — raptae-me! Pretendem encerrar-me em um convento. Conto comvosco para salvar-me!

Bastante embaraçado, *o cavalheiro* balbuciou a primeira excusa que lhe veiu á bôcca. Mas a outra, ousada como um pagem, avançou um passo, exclamando:

— Um beijo, depressa, ou eu desmaio!... Um beijo, e partamos!...

Offerecia seus labios vermelhos. O perigo augmentava. O cavalheiro de Athis assustou-se; deixou o taboleiro de xadrez, que cahiu ruidosamente, e correu para a porta. Ali, se viu inesperadamente, nos braços do velho senhor, que entrava nesse momento.

O marquez pae julgava que tardava muito em iniciar a partida de xadrez. Apanhára seu bastão e dirigira-se para a bibliotheca, prestando ouvidos á conversação que ali se sustentava. Em sua bella época, nunca o offerecimento de um beijo o fizéra fugir. Ficou bem surprehendido vendo aquelle rapaz escapar por tão pouco.

E ainda mais espantado ficou ao notar que o cavalheiro de Athis só lhe chegava ao hombro. O digno castellão achou ainda muito fina, mesmo para um cavalheiro imberbe, a pelle do rosto que se erguia para elle.

Desconcertado, não se atrevendo a dizer nada, não sabendo que pensar e dominado por certo calor que o reanimou singularmente, murmurou:

— Mas, mas... diabo!... que é isso?...

— E' vossa nóra, senhor — respondeu a joven marqueza. — Dignae-vos beijál-a!...

O QUE SE DEVE SABER

OS VERDADEIROS PROPHETAS DO CINEMATOGRAPHO

Como se sabe, o cinema tal qual hoje se conhece, foi inventado ha cerca de trinta e poucos annos pelos irmãos Lumière. Antes, porém, já havia sido concebido por philosophos e poetas.

Por exemplo, a lanterna magica, ou seja o principio da projecção, era conhecida pelos hebreus que della se utilisaram para revelar os mysterios aos iniciados.

A allegoria da caverna, narrada no sexto livro da *Republica* de Platão, tem tambem notavel parentesco com a lanterna magica.

Lucrecio, tão prodigo de prophecias, e que parece ter previsto a telegraphia sem fio e os raios X, dá-nos uma theoria dos principios da cenematographia, baseada na rapida successão das imagens na retina. Emquanto a primeira imagem desapparece, disse, outra a substitue em sua posição um pouco differente, com o fim de fazer suppor que a primeira é que realmente mudou. Esta illusão procede da velocidade que faz que os olhos affectados ao mesmo tempo pelas multiplas partes de um objecto soffram a illusão de uma imagem unica.

Luciano e Milton prophetizaram tambem as figuras animadas e Benevenuto Cellini refere no 3º livro de suas "Memórias" que, certa noite, no Colyseu, um nicromente fez apparecer deante delle umas figuras animadas que lhe deixaram prever a possibilidade de uma machina que reproduzisse a vida.

Fenelon, no seu livro sobre a educação dos meninos, falla do partido que se poderia tirar, para a educação, de visões animadas. "O cerebro das creanças — dizia — é como a chamma de uma vela exposta ao vento. A creança faz uma pergunta e, antes que se lhe faça qualquer contestação, ergue os olhos para o alto e distrá-se a ver as moscas voarem. Não haverá um meio de fazer-se desfilar, ordenadamente, ante seus olhos, as imagens que se gravam na imaginação ?" — Zumurum.

MANIAS E PHOBIAS

As pequenas manias dos grandes homens:

Augusto rodeava-se de papagaios. Carlos V passava o tempo a concertar relogios. Milton só escrevia ao som da musica. Erasmo tinha accessos de febre quando via um peixe.

Bayle tinha convulsões quando ouvia o ruido da agua.

O Cardeal Richelieu estava sempre rodeado de gatos.

QUE É A ONOMATOLOGIA

As sciencias psychologicas estão de moda. Conhecer ou tratar de conhecer o pensamento, a mentalidade, as caracteristicas espirituaes de uma pessôa por meio de systemas mais ou menos scientificos é uma das paixões do dia.

Ha alguns annos, o dr. de Basiles inventou uma nova sciencia, a que baptisou com o nome de encarpologia. O bom doutor escreveu um robusto tratado em que demonstrava que o melhor processo para conhecer o caracter de uma pessôa era examinar seu calçado.

Se a pessôa cujo caracter se trata de determinar gasta o calçado por igual, seus sentimentos são bons, seu caracter é pacifico, equilibrado.

Se, pelo contrario, gasta a sola pelo lado direito é preciso desconfiar de suas intenções.

Uma nova sciencia veiu, depois, derrotar a encarpologia. Trata-se da onomatologia que, para determinar o caracter, se utiliza dos nomes.

As mulheres que se chamam Joanna, por exemplo, são muito curiosas, mas doceis e amantes do lar. As Luizas são amigas da independencia, supportam mal qualquer dominio; gostam, porém, de creanças e de musicas.

A INTELLIGENCIA DO DELINQUENTE

Em geral os delinquentes profissionaes são pessoas de intelligencia inferior á normal. A observação feita, repetidas vezes, por famosos policiaes, para os quaes não existem delinquentes "hábeis e engenhosos" foi confirmada por uma investigação realizada em Londres com 200 criminosos.

Os mais intelligentes delles são os scrocs e, no emtanto, sua "edade mental" é de cerca de 15 annos, o que quer dizer que sua intelligencia corresponde a de uma pessôa normal de 15 annos.

Os ladrões têem 14 annos de edade mental e os assassinos ou autores de delictos por meios violentos são "meninos" quanto ao desenvolvimento de sua edade mental, por isso que têem a intelligencia de uma creança de 10 a 12 annos.

UMA ORIGINAL REPARTIÇÃO

Existe, nos Estados-Unidos, uma instituição talvez unica no mundo e cujo unico fim é descobrir novos alimentos no reino vegetal. Chama-se o "Office", tem como finalidade introduzir nos Estados-Unidos sementes e plantas estrangeiras e é uma das muitas dependencias da Repartição da Agricultura do Governo Federal de Washington.

Em 25 annos de existencia, importou e estudou cerca de 30 mil differentes plantas e sementes vindas das mais remotas e inaccessiveis regiões da terra. Os Estados-Unidos, com a sua immensa extensão, possuem os mais diversos climas: do gelado e do Alaska e do Maine ao clima tropical da Florida e da California meridional. Verificou-se que em outras partes do mundo milhões de homens vivem e prosperam em condições de clima e solo identicas ás de muitas regiões dos Estados-Unidos, onde ao contrario, não se conseguia cultivar coisa alguma com vantagem. Assim, ha vinte annos, o Departamento da Agricultura começou a plantar no Arizona o algodão egypcio de fibra comprida, indispensavel no fabrico da tela para pneumaticos de automoveis. Em poucos annos, pagou todas as despezas feitas para o estudo e para as innumeras obras de irrigação dos desertos do Arizona.

O arroz introduzido ha poucos annos na California, ao custo de duzentos mil dollars, rende vinte milhões annuaes. A nossa magnifica laranja da Bahia, introduzida tambem recentemente na California, dá uma producção annual de treze milhões de caixas. Assim, foram igualmente importadas a tamareira e a oliveira.

Nas grandes planicies do Oeste, onde não é possivel cultivar o trigo, conseguiu-se fazer medrar o sorgo, a herva do Sudan e a alfafa peruviana, forragem apreciadissima; ao passo que as estereis planicies do Noroeste se tornaram fecundissimas graças á plantação do trigo russo, durava.

Companhias dramaticas ambulantes chinezas

As companhias dramaticas errantes no Extremo Oriente offerecem um curioso espectaculo. São actores, creanças de dez annos ou pouco mais, habituados a recitar desde pequeninos. Os dramas chinezes são passionaes: vibram de amor, odio, aragem, vileza que se succedem na scena em vivo contraste. O palco é disposto num logar ao ar livre, ao passo que os assistentes formam circulo. O director com o cachimbo á bocca, move socegadamente com uma vara. Alguns bastidores e a fantasia do espectadores passa rapido do palacio á beira do mar. A orchestra consiste numa especie de flauta que acompanha o recitativo com sons estridentes. E os actores minusculos, sem um engano, sem uma hesitação, recitam o seu papel, heroico ou amoroso, trazendo durante horas pesados factos scintillantes de metal, ou, quando representam personagens femininas, manejam grandes leques.

E trabalham o dia todo até meia noite, deante de uma assistencia que continuamente se renova.

O TREMENDO CASTIGO

POR entre os pinheiros o vento assobiava sua sinistra canção e a neve cahia sem cessar, cobrindo a terra.

Em sua pobre choupana, Iván Koumitch, sua mulher Macha e seu filho Piotre acabavam de jantar e se preparavam para deitar-se, quando bateram á porta.

Iván foi abrir, e entrou uma mulher agazalhada em um amplo abrigo de pelles.

— Conheceis-me? — perguntou, descobrindo seu rosto.

A' luz fumegante da lamparina de azeite, os aldeiões olharam-na longamente.

— Serias acaso nossa prima Anna, que ha quinze annos partiu para a America do Norte? — disse, por fim, Iván.

— Sim: sou Anna Vassilievna.

E todos se abraçaram. Passadas as primeiras effusões, preparou Macha o samóvar, e quando estava prompto o chá, a recem-chegada, bebendo-o, contou a sua historia.

Como tantas outras, fôra ao estrangeiro em busca de fortuna. Durante os primeiros annos sua condição não se modificára e ella apenas ganhava o sufficiente para não morrer de fome. Depois entrára ao serviço de uma senhora muito rica, que morrêra após varios annos, deixando-lhe cem mil dollars como recompensa por sua fidelidade. Vendo-se na posse de uma tão consideravel importancia, Anna Vassilievna resolvêra regressar a sua patria para viver tranquillamente de suas rendas.

A viagem tran-corrêra sem incidentes, mas a duas verstas da aldeia o cavallo da kibilka escorregára e cahira e o cocheiro em vão usára o látego para obrigál-o a levantar-se: o pobre animal tinha uma pata quebrada. Então, a viajante resolvêra terminar a viagem a pé. Depois de uma hora de marcha em meio da tempestade de neve, chegára, afinal, á casa de seus parentes sem ter encontrado alma vivente.

— Não viste ninguem? — perguntou Iván, com insistencia.

— Ninguem. E asseguro-te que, com o dinheiro que trago, não estava muito tranquilla.

Meia hora mais tarde, Anna dormia em um catre, emquanto o camponez, sua mulher e seu filho se deitavam perto da estufa.

Iván não conseguia dormir. Tudo o que sua prima lhe havia contado não se afastava de seu cérebro. Livre de toda preoccupação material, Anna ia viver luxuosamente, emquanto elle e os seus continuariam sua sórdida existencia, com a miseria sempre á porta e temendo a cada instante a falta de pão. A profissão de lenhador não enriquece um homem, e elle chegaria a sua última hora tão pobre como havia nascido. Que faria Anna com esses cem mil dollars? Porventura necessitava ella de semelhante quantia? Certamente, não.

A idéa de matál-a e apoderar-se daquelle thesouro se introduziu lentamente no cérebro do camponez. Sua consciencia resistiu longo tempo á tentação. Mas, si ninguem tinha visto a viajante, como poderiam saber que elle a matára?

Havia quinze annos que ella sahira do paiz: muitos a tinham esquecido e outros a julgavam morta...

Por que não?

Tinha apenas que cavar uma cóva atraz da choupana e ali enterrar o cadaver. A neve dissimularia immediatamente a terra removida e, na manhã seguinte, não havia signaes do drama nocturno.

Tendo tomado uma resolução, Iván Koumitch levantou-se com mil precauções e se dirigiu para a porta, evitando fazer o menor ruido.

Sahiu: a neve continuava cahindo. O lenhador apanhou uma enxada e, a vinte metros da casa, atraz de uma moita, deu inicio ao seu sinistro trabalho.

Com raiva intensa quebrava os torrões de terra endurecida. Apesar do frio que lhe intumescia o corpo, grossas gottas de suor deslisavam-lhe pela fronte.

De vez em quando, o instrumento agrário tocava em uma pedra e dava um som claro. Mas isso não importava. Quem ia ouvil-o naquella espantosa noite?

Emquanto cavava com ardor incansavel, decidido a realizar o que o faria rico para o resto de seus dias o pequeno Piotre, na cabana, havia despertado. Assustado pela escuridão e o silencio, se poz a chorar. Macha, arrancada bruscamente a seu somno, procurou consolar seu filho, e, tomando-o nos braços, o embalou docemente. Mas, apesar das palavras affectuosas

De Eck-Bonillier

que murmurava, o pranto do menino continuava, talvez porque elle tivesse frio.

Anna Vassilievna despertou, por sua vez.

— Si queres — disse a sua prima — da-me o menino. Elle dormirá commigo e ficará mais abrigado.

Mas, como Piotre continuasse, Anna se levantou.

— Occupa meu logar, prima — disse a Macha. — Eu dormirei bem ahi junto á estufa. Além disso, dentro de duas ou tres horas será dia. Tu e teu filho ficarão melhor na cama.

Com os olhos carregados de somno, Macha envolveu seu filho em uma coberta e se deitou no catre. Poucos minutos depois, nenhum ruido se ouvia na choupana.

Fazia uma hora que Iván cavava sem descanso. A cova tinha já um metro e meio de profundidade e estava prompta para receber a victima. Apoiado no cabo da enxada, o camponez passou a mão pela fronte. Ao chegar o momento supremo, vacillava, mas o desejo de ser rico venceu todo o escrúpulo e, com passo decidido, se dirigiu para a casa.

O gemido do vento através dos pinheiros o fizeram estremecer. No humbral da porta, tirou suas pesadas botas e, com o coração pulsando-lhe fortemente, entrou. Fechou com cuidado a porta e se manteve immovel, escutando.

Em meio do impressionante silencio que reinava na habitação, só ouviu o débil rumor das respirações dos que dormiam.

Aproximou-se tacteando do armario e, tirando uma garrafa de vodka, a levou aos labios, bebendo a grandes tragos. Aquillo o reanimou: sentiu que por suas veias corria fogo e a propria embriaguez o impellia para o assassinio.

De repente, estremeceu: uma das duas mulheres havia tossido. Depois, nada mais se ouviu.

De um canto tirou o machado, aquella arma terrivel com a qual derribava os mais altos e fortes pinheiros. Segurando-o com as duas mãos, se approximou do catre e procurou collocar-se á cabeceira para vibrar o golpe sobre a cabeça.

Tacteou suavemente e sentiu em suas mãos o cálido sopro de uma respiração, e depois o roçar de uns cabellos... Então, se endireitou e retrocedeu.

Bem firmado sobre suas pernas, levantou o machado e, fechando os olhos como si temesse ver ainda dentro daquellas profundas trevas, baixou de um golpe a afiada folha.

Duas vezes fez a mesma manobra, ouvindo o ruido de ossos...

Cansado, como si houvesse realizado uma penosissima tarefa, Iván se deteve, tonto, transformado, de repente, em uma estatua.

Sua mão molhou-se ao contacto do machado.

— Sangue! — pensou.

E um longo estremecimento percorreu-lhe o corpo.

De repente se sobresaltou.

— Que ha? — perguntou uma voz somnolenta, que parecia vir do lado da estufa.

— Nada, absolutamente nada — respondeu Iván.

— Sim. Acabo de ouvir um ruido estranho... Não sei o que é.

Um rictus de espanto convulsionou o rosto do assassino.

— Quem me fala? — interrogou elle.

— Eu... Anna Vassilievna.

— Hein?... — balbuciou, aterrado, Iván. — Não; não é verdade... Tu não és Anna, e sim Macha... Dize-me que não és Anna Vassilievna.

— Mas estás louco, Iván?... Por que, então, não posso ser tua prima Anna?

Um longo gemido resoou na habitação. Iván, como um louco, accendeu a lamparina de azeite.

— Maldição! — exclamou. — Matei Macha, minha adorada Macha!

E atirou-se sobre a cama soltando gritos e mettendo os dedos pelos cabellos.

Em seguida, seus braços estreitaram o corpo ensanguentado e inerte, descobrindo ao seu lado outro menor, sem vida tambem e horrivelmente mutilado.

— Piotre!... Meu filho! rugiu Iván.

E, levantando-se de um salto, apanhou uma corda e sahiu correndo.

Anna escapára já aterrada em meio da escuridão da noite.

Ao chegar a um alto pinheiro, cuja copa dominava a choupana, Iván se deteve, e minutos depois um cadaver pendia da corda balançado pelo vento que soprava cada vez com mais violencia. Ao amanhecer, uns camponezes descobriram o corpo de Iván, junto ao qual já voavam os corvos...

O CARBUNCULO AZUL

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

Continuação do numero anterior

— Pudera não! Estivesse o senhor tão maçado como eu estou, e haviamos de vêr! Não, que eu compro os meus generos com dinheiro na unha, e ninguem tem o direito de metter o nariz na minha vida. Mas, essa agora!... E' toda a gente a indagar onde estão os gansos... Esta gente parece até que nunca viu gansos, na sua vida!

— Tudo assim será, mas eu é que não tenho nada que ver com esses taes perguntadores, declarou Holmes, com modo indifferente. Se não quizer responder-me, gorou a aposta. Eu porém estou sempre prompto a sustentar a minha opinião, em materia de volateis, e apostei cinco schillings em como aquelle ganso fôra criado no campo.

— Pois fique sabendo que perdeu a aposta, e que foi criado na cidade, disse o mercador com modo sorumbatico.

— Não acredito em semelhante coisa.

— Pois faz mal.

— Por mais que diga não me convence.

— Talvez queira saber mais do que eu a respeito de um commercio em que me nasceram os dentes, por assim dizer? Pois digo-lhe que os gansos vendidos ao *Alpha* foram todos criados na cidade.

— Não acredito, ja lhe disse.

— Quer apostar?

— Era roubar-lhe da algibeira o dinheiro, sei o que digo e sei com certeza que tenho razão; não se me dava de apostar uma libra, quanto mais não fosse, para o ensinar a não ser cabeçudo.

O lojista resmungou com modo contrafeito.

— Vae buscar o livro, Bil, disse depois.

O caixeiro trouxe dois livros: um delles, mais estreito e delgado, o outro mais volumoso e com a lombada muito sebenta; collocou-os em cima do balcão, por debaixo do bico do gaz.

— Ora aqui tem, senhor teimoso, exclamou o logista, eu a cuidar que já não tinha gansos na minha loja, mas d'aqui, muito, á mão. Vê este livro?

— E d'ahi?

— Ha de ver ahi lançado o rol da gente a quem eu compro a criação. Já encontrou? E' mais adiante, n'essa pagina, a lista da gente do campo e a seguir aos nomes, uns numeros indicando a pagina da conta corrente de cada um, no livro de assentos. Vê ahi essa pagina escripta a lapis vermelho! E' a lista dos meus fornecedores da cidade. Queira procurar o terceiro nome, leia alto faça favor.

— Mrs. Oakshott, 117, Brixton-Road — 249, leu Holmes.

— Perfeitamente, agora queira procurar no livro grande.

Holmes folheou o livro até que achou a pagina indicada.

— Cá está. Mrs. Oakshott, 117, Brixton- Road, sortimento de ovos e criação. De quando data a ultima remessa?

— De 22 de dezembro, vinte e quatro gansos a sete shillings e seis pence.

— E' tal qual, e mais abaixo?

— Vendidos a Mr. Windgate, do *Alpha*, a razão de doze schillings.

— E então, que diz a isto?

Sherlock Holmes assumira uns modos de penosissima decepção. Sacou uma libra da algibeira, atirou-a para cima do marmore do balcão e retirou-se com ademanes de pessoa a quem a furia tolhia a palavra. Andados uns metros, parou debaixo de um candieiro e riu com gosto, mas silenciosamente, segundo tinha por costume.

— Sempre que encontrar com um sujeito de suissas d'aquelle molde, e com um lenço grande de xadrez a sahir da algibeira, fique certo que poderá sacar d'elle quanto quizer, pretextando uma aposta, affirmou. Estou persuadido de que o homem, nem que eu lhe tivesse acenado com cem libras, era capaz de me facultar informações tão cabaes como as que lhe arranquei, assim que farejo uma aposta. Pois meu caro Watson, está-me parecendo que vamos chegando ao termo do nosso inquerito, e que o ponto unico que nos resta determinar é se devemos ir esta noite procurar a tal Mrs. Oakshott, ou se nos convirá adiar a visita até amanhã. Em presença do que ouvin áquelle casmurro, e claro que ha mais quem se interesse por esse negocio e eu quizera ...

Veiu atalhar-se abruptamente as reflexões um motim de ensurdecer partindo do estabelecimento d'ou-

de acabaramos de sahir. Voltamo-nos, e deparou-se-nos o seguinte espectaculo: Breckenridge, emoldurado pela porta, ameaçava de punho cerrado um individuo baixinho, e a cujo rosto de fuinha illuminava frouxamente a luz amarella do candieiro de suspensão.

— Estou farto do senhor e dos seus gansos, vociferava o logista. Vá para o diabo! E se torna outra vez a vir caustical-me, lanço-lhe o cachorro ás pernas. Apresente-se aqui Mr. Oakshott e sei muito bem o que lhe hei-de responder; mas, sabidas as contas, o senhor que tem com isso? Eu comprei-lhe os gansos, porventura?

— Lá isso não, mas é que um delles pertencia-me, dizia o pobre do homem.

— Pois vá pedil-o a Mr. Oakshott.

— Se foi elle que me disse que viesse pedir ao senhor.

— Pois então vá ter com o rei de Marrocos e peça-lh'o, que eu é que não quero saber d'isso. Estou farto e mais que farto. Gire!

E arremetteu furibundo contra o importuno; este, sumiu-se nas trevas.

— Oh! oh! Isto poupar-me-á talvez uma visita a Brixton-Road, murmurou Holmes. Ande d'ahi, vamos ver o que poderemos saccar d'aquelle individuo.

Enveredando a largos passos por entre os magotes de mirones, não tardou o meu companheiro em alcançar o homenzinho e assentou-lhe no hombro uma palmada. Este, rodopiu sobre os tacões e notei que se poz branco como a cal.

— Mas quem é o senhor? Que me quer? Perguntou com tremor na voz.

— Queria desculpar, proferiu Holmes em tom melifluo, mas, sem querer, chegaram-me aos ouvidos as perguntas que o senhor ainda agora, dirigiu ao homem dos gansos. Creio que poderei esclarecel-o.

— O senhor? Mas quem é o senhor, e como é que pode saber seja o que fôr, acerca d'este negocio?

— O meu nome é Sherlock Holmes, e lá se eu sei o que outros ignoram, não é da sua conta.

— Mas quanto a este caso, não sabe coisa nenhuma.

— Queira desculpar, mas estou sciente de tudo. O senhor anda tentando saber o destino que levaram uns certo gansos vendidos por Mr. Oakshott, de Brixton-Road, a um tendeiro por nome Breckenridge, e mais tarde, por este a Mr. Windigalt do *Alpho*, e outra vez, por este ultimo á tombola de que fez parte Mr. Alfred Baker.

— Oh! meu caro senhor! o senhor é a propria pessoa de quem eu ando em busca, exclamou o homenzinho, meneando febrilmente as mãos. Nem sei dizer-lhe, quantos annos de vida me tem tirado este negocio!

IV

CAHIDO NA REDE

Sherlock Holmes chamou uma tipoia que ia passando.

— Pois sendo assim discutiremos o caso mais á vontade em um bom aposento confortavel de que n'este mercado rôto e aberto por todos os lados, objetou Sherlock Holmes. Mas se me faz favor, e antes de irmos mais longe, diga-me a quem é que tenho o prazer de estar ministrando esclarecimentos.

Hesitou por instantes o homenzinho.

— Chamo-me John Robinson, respondeu, lançando-lhe um olhar de revés.

— Nada, nada venha o seu verdadeiro nome, insistiu Holmes, muito amavel. Traz sempre embaraços o servirmo-nos de um nome emprestado.

Affluiu o sangue ás faces macilentas do incognito.

— Pois bem! visto que insiste, o meu nome legitimo é James Ryder.

— Exactamente, mordomo do Hotel Cosmopolitano. Suba para o carro, faça favor, e lá lhe direi quanto deseja saber.

Subiu para a carruagem, o homenzinho, mirando-nos a um e a outro, de revés, com uns olhos em que se podia ler o susto alternando com a esperança. A impressão que em mim produzia era a de um individuo que não sabe o que deve esperar, se uma pechincha, se uma catastrophe. Até que por fim decidiu-se a aguardar com paciencia.

D'ali a meia hora estavamos de volta á salinha de Baker-Street. Não soltaramos uma palavra, siquer, durante o trajecto; a respiração alta e breve do nosso novo companheiro, e o modo porque cruzava e descruzava as mãos, testemunhavam de sobejo, a que ponto trazia excitados os nervos.

— Eis-nos chegados, observou Holmes com modo jovial, ao darmos entrada na sala. O fogão, hoje, aquece bem. O senhor Ryder, por mais que diga, vem enregelado. Sem ceremonia, sente-se ali naquella cadeira de verga. Se me dá licença, vou calçar uns chinelos e depois trataremos do seu negociozinho. Prompto aqui me tem ao seu dispor. Quer saber então que fim levaram os gansos?

— Sim, meu senhor.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Ou mais exatamente, conforme supponho aquelle ganso. Penso que o interessa muito em especial um do taes volateis, um ganso branco rajado de negro em torno do pescoço?

Ryder, tremia todo, de commovido.

— Ah! meu caro senhor! exclamou, poder-me-á dizer o que foi feito d'elle?

— Tenho-o eu, aqui.

— Aqui?

— Tal qual. Era, aliás um ganso notabilissimo, e não me admiro de que lhe mereça tão especial interesse. Saiba que poz um ovo depois de morto, o mais lindo, o mais coruscante ovozinho azul, de quantos até hoje foram vistos. Depositei-o no meu museu.

Cambaleou o nosso visitante, amparando-se á pedra do fogão. Holmes abriu a burra e exhibiu o carbunculo azul, que expedia mil scintelhas de fulgor deslumbrante.

Ryder, poz-se impontinente de pé, contrahido o rosto, com os olhos fitos na pedra preciosa e sem saber se devia ou não exigir-lhe a entrega.

— Nada de comedias, mestre Ryder, proferiu Holmes com todo o seu socego. Ora vamos, endireite-se, não vá cahir dentro do fogão. Veja se o ajuda a sentarse, Wason. Não está ainda bastante corrompido para que perpetre crimes impunemente. Dê-lhe umas gottas de cognac, a ver se o anima. Bem. Agora já vae tendo ares de gente. Ora, vejam só! Forte maricas!

Effectivamente, o nosso heroe estava a ponto de desmaiar; a aguardente restituiu-lhe porem alguma côr as faces e sentou-se, mirando o interlocultor, com os olhos esgazeados.

— Estou senhor dos fios da meada deste negocio e de todas as provas de evidencia, de modo que pouco lhe restará para communicar-me proseguiu Holmes. E não obstante, será melhor que me declare tudo, sem rebuço, afim de tornar mais completo o meu inquerito. Ora diga-me, Ryder, estava sciente da existencia da tal pedra azul da condessa de Morcal?

— Foi a Catharina Cusack que m'o disse, affirmou o individuo, com a voz titubeante.

— Percebo... a aia da condenssa. E o senhor, não soube resistir á tentação de vir a ser rico de uma assentada e com tanta facilidade; e dahi, fez o mesmo que aliás tem feito muito boa gente, valendo mais do que o senhor. Mas não foi lá muito escrupuloso nos meios de que se auxiliou. Afigura-se-me, Ryder, que o senhor é da massa de que se fazem os patifes. Sabia que o tal zincador, o Horner, se achara já compromettido em um negocio de egual theor e que as suspeitas iriam mais facilmente recair sobre elle. E que fez, então? Deteriorou uma qualquer coisa no quarto de sua ama, o senhor e a Cusack, sua cumplice, e tiveram cuidado em que fosse chamado o mesmo individuo. Depois, quando o viram pelas costa, fizeram limpeza no escrinio das joias; acto continuo, deram alarma e conseguiram que fosse preso aquelle desgraçado. Em seguida...

Ryder lançou-se repentinamente de joelhos e, agarrado ás pernas do meu companheiro;

— Pelo amor de Deus! tenha dó de mim, exclamou. Lembre-se de meu pae, de minha mãe! Não resistiram a semelhante golpe. Nunca, em dias da minha vida, tinha praticado um acto máo! Juro-lhe que não tornarei a cair n'outra! Juro-lh'o, sobre a Biblia.» Por tudo quando ha neste mundo, rogo-lhe que não me arraste aos tribunaes. Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, não faça semelhante coisa!

— Sente-se, proferiu Holmes com rispidez. Agora, roja-se no chão, como um cachorro, mas nem siquer se lembrou daquelle malfadado Horner, que por sua culpa se foi sentar no banco dos réus, carregando com um crime de que está innocente em absoluto.

— Fugirei, senhor Holmes. Ausentar-me-ei de Inglaterra. E a accusação que pesa sobre elle cahirá de per si.

— Hum! Falaremos!... E agora quero ouvir a narração veridica do seguinte facto: como é, que a pedra foi engulida por um ganso? E como é que o ganso foi trazido ao mercado? Diga a verdade, pois é a sua unica taboa de salvção.

V

UM ESCONDERIJO ORIGINAL

Ryder humedeceu com a lingua os resequidos labios.

— Vou contar-lhe tudo, meu senhor, tal qual succedeu, disse.

"Quando prenderam o Horner, pareceu-me mais acertado desfazer-me desde logo da pedra; não fosse a policia lembrar-se de proceder ao inquerito quer na minha pessoa quer no meu quarto. Não contava com esconderijo seguro no palacio. A pretexto de ir fazer um recado sahi, e fui á casa de minha irmã. E' casada com um tal Oakshott e mora em Brixton-Road, onde engorda gansos para os vender no mercado. Por todo o caminho, as caras que encontrei todas me pareciam agentes de policia ou detectives e apesar de estar fria a noite, escorria-me o suor pela testa. Minha irmã perguntou-me o que é que eu tinha para estar tão perturbado; disse-lhe que vinha afflicto por causa de um roubo de joias que tinham feito no palacio. Fui direito ao saguão, nas trazeiras do predio, fumar a minha cachimbada, e matutar no caso, a ver a volta que havia de dar á minha vida.

"Em tempos fui amigo de um tal Maudsley, que deu em droga, e que acabou de cumprir a sentença na cadeia de Pentonville. Encontrei-o um dia e aconteceu virem á baila as artimanhas dos gatunos e a arte com que sabem descartar-se daquillo que roubam.

"Tinha a certeza de me poder fiar nelle, visto eu estar sciente de uma ou duas proezas do sobredito; resolvi, pois, ir ter com elle a Kilburn, a pedir-lhe conselho convencido de que não deixaria de me en-

sinar o meio de reduzir a dinheiro a tal joia preciosa.

"Mas como havia eu de chegar até lá sem tropeço? Eu, desde o palacio até á casa de minha irmã, tinha vindo em suores. Quando mal me precatasse podia apparecer a policia, prender-me e revistar-me. E eu trazia a pedra no bolso do collete! E para ali fiquei encostado á parede, a parafusar no caso, a olhar distrahido para os gansos a saracotearem-se á roda de mim... De repente, acode-me uma idéa optima para burlar ao detective mai fino e sagaz que houvesse.

"Minha irmã, umas semanas atraz, tinha me dito que escolhesse um ganso para o Natal, e eu sabia que era mulher de palavra. Em vista disso, eu não tinha mais do que deitar desde já a mão ao ganso, *fazer-lhe engulir a pedra, e ir d'ali sem receio de* perigo até Kilburn. No pateo havia um telheiro, es*condi-me por traz delle e mais a minha ave, e já* se vê que escolhi a maior. Era branco com uma risca preta nas pennas das azas. Agarrei-o pelo pescoço, abri-lhe o bico, e enfiei-lhe a pedra pela guéla abaixo, até onde pude chegar com o dedo. O ganso deu um arranco e eu senti descer a pedra até ao bucho: mas nesta occasião, poz-se a sacudir as azas e minha irmã acudindo á bulha, appareceu no pateo. Voltei-me para lhe falar, e neste momento fugiu-me o ganso e foi ter com os outros.

"— Que estavas tu a fazer ao pobre do ganso, Jack? perguntou ella.

"— Pois não me promettestes um ganso para o Natal? Estava a apalpal-os para escolher o mais gordo.

"— Deixa lá, respondeu ella, o teu já está apartado; chamo-lhe até o ganso do Jack. E' o maior, o branco, que vês além. São vinte e seis, ao todo: um para ti, um para nós e duas duzias para o mercado.

"— Obrigado, Maggie, lhe disse eu, mas se não te faz transtorno antes queria aquelle que eu tinha agarrado ainda agora.

"— O outro pesa mais tres libras, pelo menos. Engordámol-o de proposito para você.

"— Não tem duvida, mas prefiro o outro e a minha tenção era leval-o commigo, desde já, repliquei.

"— Como quizeres, concluiu minha irmã, com mau modo. E qual é então o que te agrada?

"— Aquelle, todo branco com riscas pretas nas azas, que anda no meio do rancho.

"— Está dito, mata-o e leva-o comtigo.

"Não me fiz rogado, senhor Holmes, e carreguei com o ganso para Kilburn. Contei ao meu cumplice o que tinha feito, pois era homem para escutar com interesse a historia. Riu tanto, que até chorou; agarramos uma faca e abrimos o ganso. Mas fiquei sem pinga de sangue. Nas entranhas do animal nem rasto da pedra encontrei. Tinha-me enganado, e enganado de modo terrivel.

"Deitei a correr para casa de minha irmã e investi para o pateo. A respeito de gansos, nem um para amostra!

"— Que é feito dos gansos, Maggie? exclamei.

"— A estas horas estão já na loja.

"— Qual loja?

"— Na do Breckenridge, em Convent-Garden.

"— Havia outro, então, listrado de preto?...

"— Havia sim, Jack e aqui estou eu que nunca fui capaz de os differençar.

"Percebi tudo de relance e deitei a correr, não me pezavam os pés uma onça, até á loja do tal Breckenridge; mas tinha-os vendidos todos por atacado, e negava-se a dizer-me a quem. O senhor proprio o ouviu esta noite. Pois a mim, respondiu-me com a mesma amabilidade. Minha irmã cuida até que endoideci. E eu chego a pensar que assim é. E cá estou eu no rol dos ladrões, sem ao menos ter gosado da riqueza a que eu sacrifiquei a honra. Deus tenha dó de mim!"

Desatou a soluçar, escondendo o rosto entre as mãos.

Seguiu-se a esta narrativa demorado silencio, silencio atalhado unicamente pela respiração offegante do nosso interlocutor e pelo ruido compassado dos dedos de Holmes na borda da mesa. Por fim, ergueu-se o meu amigo e abriu a porta.

— Vá-se embora, exclamou.

— Que me diz, meu senhor? O céo o abençõe!

— Nem mais uma palavra. Sáia.

Não tugiu nem mugiu; um pulo, um tropel pela escada abaixo, uma porta atirada com força uns passos rapidos no calçamento da rua; e depois, voltou a cahir tudo em silencio.

— Apuradas as coisas, concluiu Holmes, pegando no cachimbo de barro, não fui contractado pela po*licia para lhe supprir a insufficiencia*. Se o Horner corresse perigo, o caso era outro, mas este individuo não virá depôr contra elle e a accusação, portanto, cáe de per si. E suppondo mesmo que favoreça um criminoso, salvo talvez uma alma. Este homem não *torna a perpetrar nenhum roubo. Foi grande de* mais o susto. Se o condemnassem agora ás galés, vinha mais tarde a dar em recruta da força. E demais, é a época dos perdões. O acaso atravessou-nos no caminho um problema dos mais singulares e caprichosos, e o facto de o haver resolvido representa para mim sufficiente satisfação. Se quizer ter a bondade de tocar a campainha, meu doutor, trataremos de encetar nova investigação na qual figura tambem como principal agente, uma ave.

FIM

NO PROXIMO NUMERO, DO MESMO AUCTOR

O MYSTERIO DO VALLE DO BOSCOMBE

Desaccordo

Mathias. — Como?... Vaes installar ahi a sala?

Isabel. — E' claro!...

Mathias. — No melhor compartimento da casa?...

Isabel. — Si queres, eu installarei na cozinha... Tens cada idéa!...

Mathias. — Tu é que as tens!... Inutilizar este quarto, tão cheio de sol, com essas varandas tão formosas... Si ahi teríamos um dormitorio soberbo!

Isabel. — E eu vou receber as minhas visitas?... Na escada?... No quarto de banho?...

Mathias. — Na saleta que dá para o *hall*... Creio que não vaes installar uma pista de patinagem nem um salão de baile... Ahi ficarás muito bem.

Isabel. — Mas, não me cabem os moveis!

Mathias. — Por que não te cabem?... E' só saberes arrumál-os.

Isabel (*indignada*). — Ah!... Pondo uma cadeira sobre outra, naturalmente...

Mathias. — Não, senhor... Tudo é questão de medidas...

Isabel. — Toma o metro... A saleta tem 3 por 3... Que te cabe ahi?

Mathias. — Tudo o que eu quizer... Ali o piano, lá o sofá e as cadeiras... A mesinha de mármore no centro...

Isabel. — E o *chifonnier*?... E o biombo?... E a *bergére*?... E a estufa?...

Mathias. — Tudo caberá, tudo caberá... Não te digo que é preciso tomar medidas?

Isabel. — Mas isso vae ser um horror!... Tudo amontoado, sem esthética, sem nada... Prefiro tirar a sala!...

Mathias. — Homem, grande idéa!... Assim ninguém virá incommodar-te...

Isabel. — Mas onde viste um dormitorio na sala da frente?...

Mathias. — Em minha casa... Minha pobre mãe dizia sempre: "O melhor aposento é para dormir".

Isabel. — Tua pobre mãe!... Tua pobre mãe era uma senhora chapada á antiga, que recebia as visitas na sala de jantar e lhes dava chá com garfos... Agora os tempos são outros... A sala é imprescindivel numa casa... E, sobretudo, tendo as relações que temos...

Mathias. — Ah!... As relações vêm pela sala?... Não o sabia... Pois, quando chegar alguma de tuas amigas, deves dizer á Josepha que a leve para a sala, e não precisas tomar o incommodo de apparecer-lhe... Que ella fique conversando com a *bergére* e com a estatueta...

Isabel. — E's insupportavel!... No dia em que tivermos filhas, não sei como vamos arranjar-nos com essa maneira de pensar... Si quizermos dar uma festa, pretenderás que vamos para o terraço.

Mathias. — Magnifico!... Uma festa em *plein air*... Nada mais sadio...

Isabel. — No inverno e com dois grãos abaixo de zéro.

Mathias. — Daremos a festa no verão. O frio é muito antipathico... Si faz a gente tremer como um cão chinez...

Isabel. — Ai, meu Deus!... Si eu o soubesse antes!...

Mathias. — Que?... A idéa da festa no verão?

Isabel (*com raiva*). — Não!... As outras idéas originaes que tens...

Mathias. — Que teria acontecido?

Isabel. — Que não me casaria comtigo!...

Mathias (*conciliador*). — Mas, mulher, por uma sala mais ou menos...

Isabel. — Não é a sala... E' a mania de mortificar-me, de contrariar-me em tudo... Eu quero a sala perto da rua?... Não, senhor!... No ultimo aposento da casa.

Mathias. — Mas vem cá, Isabelinha... Attende a razões... Tens dia de recepções, não é verdade?

Isabel. — Sim... Uma vez por mez...

Mathias. — Nos outros dias, a sala se fecha, para que os moveis não se estraguem, e está sempre escura como bôcca de lôbo... Não é verdade?

Isabel. — Sim...

Mathias. — E não te causa pena perder 30 dias ou 29, de sol e de ar puro, sacrificando-nos tu e eu para aproveitar delles — si é que se aproveita — apenas quatro ou cinco horas? Proponho-te um accordo... Poremos o dormitorio na sala da frente, e no dia de recepções trocas os moveis...

Isabel. — Mas tu pensas que se póde fazer isso?... Depois de semelhante mudança, como se podem receber visitas?...

Mathias. — Eu te ajudarei com muito prazer... Um carregador *ad honorem*!... Que mais queres?... E romperia a monotonia diaria... Seria uma distracção para ti...

Isabel (*furiosa*). — Queres deixar-me em paz?

Mathias. — Bem... Irei ao fóro e espero encontrar-te convencida quando voltar... Mas a sala ficará ahi ou não mais porei os pés nesta casa! (*sáe*).

Isabel. — Que homem mais teimoso!... Mas, realmente... tem razão!

FAXFRELCHE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES